



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**Mateus Sugisaki**

**(entrevista)**

**Botucatu, SP**

**2008**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID - UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Número da entrevista:** E-956

**Nome do/a entrevistado:** Mateus Sugisaki

**Local da entrevista:** São Paulo, SP

**Entrevistador:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Data da entrevista:** 26/02/2008

**Transcrição:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Copidesque:** Felipe Eduardo Ferreira Marta

**Revisão:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa de termos:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 3 horas e 15 minutos.

**Páginas Digitadas:** 56.

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

\*\* Entrevista cedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB e da Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, para divulgação pelo Projeto Garimpendo Memórias em 09 de março de 2021.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: SUGISAKI, Mateus . Entrevista com Mateus Sugisaki concedida por Felipe Eduardo Ferreira Marta ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Felipe Eduardo Ferreira Marta (UESB e UESC). UNIVASF, UFRGS, Botucatu (SP), 26 fev 2008, 59 p.

## SUMÁRIO

Imigração d pai para São Paulo; Processo da Shinoremey; Início da Academia de Judô em Avaré; História do Judô; Esportivização das Artes marciais; Graduações do Judô; Confederação Brasileira de Judô; Crescimento do Judô no Brasil; Cultura Japonesa; Entrada na Faculdade; Trabalho com o Judô; Ida para Bauru; Período da ditadura militar; Formação de professores de judô; Experiências com o Conselho Regional de Educação Física.

Botucatu (SP), **26 de fevereiro de 2008**. Entrevista com Mateus Sugisaki (**M.S.**) a cargo do pesquisador Felipe Eduardo Ferreira Marta (**F.M.**) para a pesquisa “A memória das lutas ou o lugar do "DO": as artes marciais e a construção de um caminho oriental para a cultura corporal na cidade de São Paulo” de autoria de Felipe Eduardo Ferreira Marta cedida ao Projeto Garimpando Memórias.

M.S. – Eu, Matheus Sugisaki, inicialmente quero dar a minha autorização para o Felipe utilizar esta entrevista no seu trabalho de tese que está sendo executada e, desde já, meus parabéns.

F.M. – É..., posso tratar como professor ou senhor...

M.S. – Claro. Não, se até ... mais informal aí segundo a entrevista.

F.M. – Tá certo. Professor, então... assim..., onde o senhor nasceu, né, que cidade o senhor nasceu?

M.S. – É, eu nasci em Arandu, aqui no interior do estado de São Paulo em 29 de Julho de 1946. Arandu é uma cidade bem pequena, na época, é..., minha família, meu pai tinha... exercia atividade rural.

F.M. – Seus pais eram imigrantes?

M.S. – Meu pai era, era imigrante japonês e a minha mãe é nascida aqui no Brasil. O meu pai veio do Japão com 14 anos e inclusive é..., ele teve que procurar, desenvolver a vida dele quase que por conta própria porque com 14 anos, né, fica difícil, né, mas ele conseguiu aí...

F.M. – Ele veio sem família então?

M.S. – Não, ele veio com um irmão, só que ele se separou do irmão logo após a, logo após, assim..., ter chegado no Brasil porque ele não se adaptou no local onde foi a família...

F.M. – Ah.

M.S. – ... porque, não sei se você sabe, pra vir de, lá do Japão tinha que ter um certo compo..., uma certa composição familiar...

F.M. – Isso.

M.S. – ...pra poder, poder, ser aceito na imigração.

F.M. – E esse irmão do seu pai foi trabalhar no café, já?

M.S. – É... ele..., não digo que ele foi trabalhar no café, mas foi trabalhar na lavoura. Todos eles vieram exatamente pra, pra lavoura já em locais pré-determinados. Então meu pai inicialmente veio pra..., depois de, de chegar em Santos ele já foi pra região da Mogiana e da região da Mogiana ele foi pra Bastos, aqui na Paulista, na alta paulista. E permaneceu em Bastos num período curto de tempo e depois de Bastos, ele mudou para região de Avaré, onde estavam desenvolvendo a plantação de algodão. Então ele, ele foi buscar nesse local, onde estavam trabalhando com algodão, que não..., naquela época em que ele veio o algodão tava sendo um...um... a grande novidade em termos de agricultura.

F.M. – Ele tinha experiência agrícola no Japão, ou não?

M.S. – Não, não, não. Veio, veio aqui pra realmente acompanhar a família e adaptar-se as condições de, de, de viver aqui no Brasil, não é? Porque o imigrante japonês, ele não tinha opção. “Ah, eu conheço isso, gosto disso ou daquilo”. Ele veio pra trabalhar o que tinha..., o que surgia pela frente com aquele, aquela ilusão do Eldorado. Do Eldorado Brasileiro, não é? E, claro, lógico que as condições dos imigrantes japoneses na época eram funções muito difíceis lá no Japão. Por isso que, claro evidentemente eles aceitaram as condições de virem pra cá, né.

F.M. – O senhor é o filho mais velho?

M.S. – Eu sou o filho mais velho, único homem da família e, é, meu pai, minha mãe é bra..., nascida no Brasil, descendentes de japoneses, mas brasileira e o, o meu pai teve mais é..., meu pai não, meus pais tiveram mais três filhas, né. Então eu sou o único homem. E a grande preocupação do meu pai e da minha mãe foi dar a nós condições de, é, estudo e atingir níveis escolares pelo menos melhor, ou melhores que eles tiveram.

F.M. – Eles foram alfabetizados aqui no Brasil?

M.S. – O meu pai veio..., claro que veio com uma formação escolar do Japão. Quatorze anos é corresponde hoje ao primeiro grau, né? São oito anos de escolaridade. E a minha mãe fez até o que se chamava antigamente de segundo ano do grupo escolar. Quer dizer, então minha mãe embora tenha sido alfabetizada, mas ela não tinha nenhum estudo. Assim como meu pai também não teve nenhum estudo de formação é, é..., profissional.

F.M. – Mas eles tiveram a preocupação de formar os filhos?

M.S. – Exatamente, era a preocupação de formar os filhos e dar uma, é, um nível escolar melhor do que eles tiveram. Então vamos fazer um curso técnico, na época era o curso normal, técnico em contabilidade, né, só que quando, é, como eu tive assim algumas facilidades em termos de estudo o, o, eu acabei indo para o colegial que chamava antigamente científico porque era, era o curso que preparava os alunos a enfrentar um vestibular num curso superior. Muito embora eu não tivesse digamos assim perspectivas financeiras de poder é, ir pra uma universidade de imediato, mas acontece que eu tive essa, essa oportunidade e depois, claro, juntamente com o, com o, é, juntamente com o curso é de formação científico, colegial científico, eu fiz o técnico em contabilidade, entendeu? Então foi... são questões de ver e a gente se esforçar um pouco, né.

F.M. – Humrum. E logo já foi trabalhar? Como assim?

M.S. – Sim, então, aí o..., veja bem. O que..., são coisas que acontece na vida que a gente não, é, não, não, não tem assim uma, é, uma previsão naquilo que está dentro do previsível. É..., o meu pai quando saiu da agricultura, que exatamente onde eu morava era uma cidade muito pequena, não tinha nada mais, assim em termos de nível escolar, além do grupo

escolar, hoje corresponde à quarta série do fundamental, então, é, nós fomos para uma cidade maior. E, nessa cidade maior onde eu tive a oportunidade então de estar fazendo esses, esses níveis escolares mais avançados. E..., interessante que o meu pai...

F.M. – Então assim, Arandu era onde...

M.S. – Onde eu nasci e migrei até os dez anos.

F.M. – Mas nunca trabalhou na lavoura? Nunca ajudou seus pais...

M.S. – ... a gente participava assim com 10 anos mas a única coisa que eu fazia era levar a marmita, levar umas..., uns instrumentos, mas não...

F.M. – Mas assim, seus pais sempre exigiam um pé na lavoura, um pé na escola?

M.S. – Isso, exatamente. Não tinha como não, não fazer isso porque..., veja bem, alguém tinha que levar a marmita, alguém tinha que... as vezes precisava levar uma inchada ou, atrelar um cacho..., um cavalo, um burro, na verdade porque a gente nem tinha cavalo, era um burro pra puxar arado, então essas coisas a gente acaba fazendo porque tá ali.

F.M. – Humrum.

M.S. – Está no meio e acaba realmente fazendo, né. E, e daí quando nós mudamos, meu pai certamente mudou até de profissão, né, ele começou, nessa mesma cidade onde eu nasci, ele abriu uma oficina de ferreiro. Ferreiro porque lá é, é, como é uma zona rural, então é..., afiar inchada, bater bico de arado, coisas que hoje num existe mais, né. São máquinas. Ainda mais na época o bico de arado, a plantadeira, eram todas manuais e quando muito puxado por um animal, um burro e, então meu pai resolveu, é, ao mesmo tempo abriu uma oficina pra dar assistên... pra consertar, pra afiar inchada, afiar o bico de, de arado, pra fazer esse, esse serviço, né. Arrumar forja, marreta, bigorna, aquelas coisas que tem na, no, tinham no ferreiro e depois também mexer com coisa de lata, fazer caneca. Pegar lata de, de óleo velho, sabe? Fazer um regador, fazer um balde, esses coisa que é, ele, ele acabou montando. E como ele tinha essa oficina, daí ele passou a morar em Avaré

exatamente trabalhando com oficina. Cê tá entendendo? Depois ele foi procurar emprego como mecânico, como essas coisas assim pra poder sobreviver. Só que como o, o, o meu pai tinha assim, é, na época de crian... de quando estava no Japão, ele estava na escola, ele tinha praticado um pouco o judô e era normal lá na esco... lá no Japão praticar alguma atividade de, é, é, esportiva. Ou faz corrida, natação, dependendo do local e da escola. E ele tinha praticado um pouquinho de judô lá. Mas num, num tinha saído assim do conhecimento básico fundamental. E quando ele chegou em Avaré, ele, ele se integrou com, com um grupo que estava formando em Avaré, pra praticar judô ou jiu-jítsu, coisa que na verdade eles não sabiam muito bem. Então tinham algumas pessoas que estiveram em São Paulo praticando jiu-jítsu na acade... antiga academia “Ono”. Outros tinham ido em alguma outra esco... cidade pra estudar e, e praticado um pouquinho de judô, eles... é, é, jovens, né, que na época eram jovens, esses jovens lá na cidade de Avaré acabaram se reunindo para montar um grupo a fim de praticar judô. E o meu pai acabou se integrando com eles para praticar judô. E, claro, aquela..., aquele espírito de, de moço, de homens mais jovens é de buscar uma luta, buscar uma atividade é, também, recreativa, né. E eu sei que ele começou constituir esse grupo, cresceu. Daí esse grupo cresceu e eles resolveram formar uma academia. Então meu pai na..., aí, aí nesse momento, nessa..., isso foi depois de uns dois anos mais ou menos e..., introduziu também o judô. E o meu pai, é, começou a liderar a liderar o grupo no sentido de montar uma academia e buscar um professor que tivesse algum conhecimento de judô de verdade. Assim, tivesse uma formação através de, de um, uma escola de judô propriamente dita. E o que aconteceu foi que, é, realmente eles, eles conseguiram porque meu pai tinha esse, essa habilidade de conversar com as pessoas, embora ele não falasse muito o português, quer dizer assim, articulando a palavra, ... mas a articulação da palavra num...

F.M. – Humrum.

M.S. – ... com aquele sotaque carregado de japonês. E, daí ele, é, esse grupo tão constituiu a chamada Academia do Oriente de Judô, isso em 1957.

F.M. – Seu pai chegou no Brasil em que ano?

M.S. – Meu pai chegou em 1932, com 14 anos de idade, né. E, então em 1957 eles fundaram essa academia de judô, na cidade de Avaré.

F.M. – Seu pai viveu todo aquele processo da Shinoremey.

M.S. – Olha, ele, ele teve, teve, chegou no Brasil nesse período, exatamente quando o... havia essa formação do Shinoremey e principalmente as ações do Shinoremey no, no pós-guerra..., durante a guerra e no pós-guerra, porque eu sou nascido em 1946, quer dizer, eu sou nascido logo na seqüência da guerra. Então meu pai viveu nesse período. Mas só que na cidade de Avaré, não havia uma ação muito grande da Shinoremey. Shinoremey teve uma ação muito forte aqui na região exatamente de Bastos,... Marília, Bastos e depois na região de São Paulo e Grande São Paulo. Então, ele não teve, ele não sofreu essa, essa influência da Shinoremey. E, existe por que? Porque a Shinoremey tava ligada nos núcleos mais fortes economicamente também. E Avaré num era um núcleo um núcleo economicamente forte.

F.M. – Os imigrantes japoneses lá já tinham se estabelecido?

M.S. – É, tavam assim, mas ainda eram, eram gente bem simples não tinha...

F.M. – Não tinha saída de, de pegar dar uma arrebatada.

M.S. – Isso. É. Cê tá entendendo?

F.M. – Humrum

M.S. – Mas ele, ele viveu sim esse período, claro porque ele estava aqui no Brasil. Bom, e daí, é, se você tiver alguma coisa, Felipe, pra perguntar no meio vai interrompendo...

F.M. – Isso, não, ta bom.

M.S. – ... e daí ele, ele, é, liderando esse grupo, conseguiu juntar um, um certo dinheiro lá com arrecadações, doações pra comprar tatame. Na época eram tatames de palha...

F.M. – Já existiam fábricas de tatames no Brasil?

M.S. – Já, já tinham fábricas de tatame. Uma em Registro que era a mais conhecida.

F.M. – E foi um imigrante que montou, provavelmente?

M.S. – É, imigrante, um pessoal, um pessoal japonês.

F.M. – Humrum.

M.S. – Essa fábrica ela existia até..., existe até hoje, na verdade. Só que agora é, a, a fábrica de tatame de palha, ela já não tem interesse comercial...

F.M. – EVA, né?

M.S. – É. Então para a prática de, de atividades, atividade é sempre em EVA, exatamente. EVA ou esses produtos sintéticos, né. Mas então, é, ele conseguiu, é, juntar esse dinheiro, fazer essas arrecadações, essas doações, e juntar dinheiro suficiente pra comprar 30 peças de tatames e começaram então a, a, a atividade da academia de judô com um professor de Segundo Dan do Japão, que tinha praticado judô na Kodokan...

F.M. – Hum.

M.S. – ...e que era aqui da região, que morava aqui. Ele também é agricultor, veio pra cá como agricultor e ficou na região aqui de, de Botucatu a Avaré, na cidade chamada Itatinga, que tem aqui no meio. E, então esse senhor, ele ia lá pra Avaré 2 vezes por semana pra ministrar aula, aula de Judô.

F.M. – E ele em Itatinga, ele tinha academia de judô?

M.S. – Não. Em Itatinga ele, ele tinha..., trabalhava na lavoura, depois ele montou um bar, né...

F.M. – Hum.

M.S. – ... Só bem depois que ele montou uma academia lá em Itatinga. Mas depois que começou lá em Avaré.

F.M. – Esse começo, a questão dos tatames, o senhor já falou, né, que, que seu pai foi lá, já tinha fábrica em Registro. E, e kimonos, como é que foi?

M.S. – Bom, kimonos... então antes de chegar no...

F.M. – Isso aí, isso aí é década de, de...

M.S. – 1950, 60. Década de 50. De metade da década de 50 pra frente, tá? É..., quando você falou de tatame, na verdade o pessoal começo..., lá pra poder praticar judô, antes dos tatames, eles faziam um, uma área de areia, né. Cercava uma área de areia, é..., ao ar livre. Não tinha nenhum lugar, não, não levava em lugar coberto e depois eles, é..., faziam essa área pra poder praticar judô. Quando evoluíram um pouco e arranjaram barracão, daí levavam o que? Palha de arroz. Fazia um cercado, colocava palha de arroz, socada e tal e cobria com uma lona.

F.M. – Hum.

M.S. – Entendeu? Era assim. Então, daí com uma compra, aquisição de tatames, é claro que mudou o padrão de, de prática de judô lá. Nisso o, é, você fez uma pergunta a respeito dos kimonos. Os kimonos eram feitos por costureiras, lá, pelo menos onde nós morávamos, não é? É, não, não tinha assim, pessoas que fornecessem kimono pronto. Então o que o pessoal fazia? Na época, compravam aquele saco de açúcar, saco de trigo que era um, um tecido branco, chamado..., muito resistente e arranjava uma costureira e costureira fazia os kimonos. É claro que não havia um padrão, assim, em termo de, é, de tamanho, comprimento. Então alguns tinha lá uma manga mais curta, o kimono era mais estreito...

F.M. – Era o tamanho do saco não? [Risos]

M.S. – ...tinha que fazer com a quantidade de saco que tinha, né. E inclusive, a minha mãe depois, né, passando, passou o tempo, a minha mãe como tinha habilidade de costureira, ela começou realmente a fazer kimono assim, esse kimono de uma forma doméstica mas acabou fazendo kimono para o pessoal que tinha interesse, né?

F.M. – E, assim, havia uma diferença grande entre esse judô praticado aqui no interior pelo de São Paulo, que já era praticado em São Paulo? Você sabe me dizer se já havia esse intercâmbio?

M.S. – Bom, essa, essa, essa pergunta sua é fundamental na continuidade da, da exposição. Veja bem, o meu pai, é, embora ele tivesse condições financeiras bem limitadas e tivesse assim, dificuldades financeiras e uma condição humilde de viver, mas meu pai era uma pessoa não..., quando a gente conta parece assim, é, romance, uma história, mas na verdade meu pai era um cara arrojado. Ele chegou um ano e falou assim pra minha mãe: “Olha, você fica aqui...” (porque ele tinha a oficina, né, e daí passou pra bicicletaria e tal, falou pra minha mãe ficar na cidade de Avaré com a loja, oficina de bicicletas, bicicletas, que ele ia montar uma outra loja em São Paulo porque ele queria praticar judô em São Paulo. Pra desenvolver. Isso foi logo depois que funda..., fundaram a academia de judô em Avaré. E meu pai foi pra São Paulo praticar judô na chamada Academia Dom Pedro II, com o professor Yushu Kihara, que na época era 7º Dan. Já é faixa coral, né, faixa e 7º Dan de judô. E ele ficou mais de um ano. Quase dois anos morando em São Paulo, abriu lá um comércio pra ele sobreviver e praticando judô, assim com o professo Kihara. Daí, claro, a situação, a situação econômica sempre difícil, ele acabou voltando pra cidade de Avaré, mas quando ele voltou pra cidade de Avaré, ele já voltou com uma bagagem de conhecimento e de, de relacionamento com o meio do judô. Tanto que quando ele veio em 1959, mais ou menos isso, 59, na cidade de Avaré, ele é, já logo em seguida propôs a realização de um campeonato da Região Sorocabana. Região Sorocabana, Sorocabana é a estrada de ferro que corta aqui e vai até lá na divisa com o Paraná. E ele propôs então, propôs a realização desse campeonato e fez, realmente fez esse campeonato. Na cidade de Avaré e trouxe..., é, convidou pra tá... fazendo pra esse campeonato essas figuras ilustres do judô brasileiro que era o professor Kirara. Um dos mais ilustres, é, e, uma das pessoas

mais importantes na, na, na fundamentação do judô brasileiro aqui, eu posso dizer que aqui em São Paulo, importante no Brasil que foi..., chamado Doutor “Tatishu Okithi”. Doutor Tatishu Okithi era industrial da, faz lá..., da industria farmacêutica, né, mas ele era representante, na época representante da Kodokan, do judô da, do, do, da Kodokan do Japão no Brasil. E então meu pai convidou essas pessoas importantes do judô brasileiro e levaram lá pra, pra cidade de Avaré durante o campeonato, pra fazer uma demonstração de judô. Então, quer dizer, esse arrojo que meu pai teve, fez com que o judô..., fez com que as pessoas que praticavam judô aqui no interior entendesse que havia uma possibilidade de um, de competir, de comparar o judô deles com aqueles que eram praticados, aqueles que eram praticados em São Paulo. Tanto que, no ano seguinte, em 1960, o, o, nós tivemos lá em Avaré... daí nessa época o meu pai já tinha assumido porque o professor Sueu daqui de Itatinga tinha deixado a direção...

F.M. – Hum.

M.S. – ...a orientação técnica lá da academia em Avaré. Por problemas familiares ele, ele disse que num podia mais. Então meu pai como já tinha voltado...

F.M. – Já tinha bagagem específica.

M.S. – Já tinha bagagem bastante, já era faixa preta nesse altura dos acontecimentos, ele assumiu as aulas, assumiu os treinamentos de judô na, na época. E um dos é, dos, dos alunos que praticavam judô, um dos atletas que praticavam judô na época, era um rapaz atlético muito forte, e, muito assim, muito é, com muita facilidade pra fazer as atividades, ele foi campeão paulista, porque naquela época é, não havia campeonato por peso. Era campeonato por faixa. Campeonato paulista por faixa marrom, campeonato paulista de faixa preta 1º Dan, faixa preta 2º Dan e assim por diante. E o chamado...

F.M. – Esses níveis de faixa que hoje a gente vê, ele já existia?

M.S. – Ah não, esse sistema de, de faixa já foi inventado por pelo professor Jigoro Kano.

F.M. – Ah, tá. Da mesma forma, a cinza, a amarela...

M.S. – Não, não. As cores, as cores abaixo da faixa preta, da faixa preta, já é uma adaptação ocidentalizada...

F.M. – Ah.

M.S. – Lá o, o professor Jigoro Kano quando, é, ele introduziu esse sistema de graduação, ele só tinha três faixas: branca, marrom e preta. E acima de preta, daí vinha, viriam as graduações. Mas só tinham essas, essas graduações. Não tinha é, as cores intermediárias. As cores intermediárias foi uma adaptação dos, dos europeus, principalmente na França, nesse processo, vamos chamar assim, processo pedagógico que os franceses fizeram, introduziram dentro do judô, então eles, é, colocaram mais quatro, mais quatro faixas intermediárias. É, começando com a branca, a, a azul, a amarela, o laranja, o verde e o roxo, cinco. Bom, o branco eu já falei, são quatro. São quatro. E, então foi isso, esse foi uma adaptação do, do, é, europeia, vamos chamar de europeia, mas os franceses são os principais nesse processo. Bom, então, o meu pai já era faixa preta e ele assumiu essa história toda e esse rapaz, então foi campeão paulista de faixa preta 1º Dan.

F.M. – Mas aqui no Brasil vocês usavam o mesmo sistema, já o o, esse europeu?

M.S. – Sistema europeu, é.

F.M. – Ah, tá. No começo, naquele primeiro momento em Avaré num havia importância tanta essa questão?

M.S. – Não. Lógico que havia no sentido de saber que quando a gente tá fazendo alguma coisa, você sempre quer atingir é, o, o grau passo...

F.M. – Saber qual grau você está.

M.S. – É o passo seguinte, isso, exatamente. Então havia esse interesse em ser faixa uma amarela, faixa laranja, faixa azul, né, faixa, é, verde. E, o mais importante era faixa ro..., marrom e a faixa preta. E continua sendo até hoje, né. Quer dizer, nós utilizamos de todas

as graduações intermediárias no sentido de, de incentivar os alunos, os praticantes pra eles saberem que eles estão ganhando assim, um, um nível de conhecimento um poço, um pouquinho melhor.

F.M. – Deixa eu fazer uma pergunta: as pessoas que procuravam essa, essa academia de judô em Avaré eram pessoas de descendência japonesa ou era um público no geral? Já havia algum conhecimento do que era o judô na cidade de modo a fazer com que as pessoas realmente procurassem ou realmente ficava só no âmbito da colônia?

M.S. – Não ficava só no âmbito da colônia, mas na verdade, é, acho que mais procuravam naquele momento inicial em que foi fundada a academia e nos anos seguintes, é, eram um grande número de membros da colônia japonesa sim. Entendeu? Digamos assim, tinha 70% aproximadamente dos praticantes de judô eram descendentes de japoneses nesse momento. Mas com o passar do tempo, com a evolução do próprio judô no Brasil, com a evolução do judô lá na..., na cidade no caso nosso aqui, né, particular. É, o judô, é, cresceu e, o quê que acontece, a população da colônia japonesa, é, nasceu limitada, limitada no sentido numérico e, aí então haviam assim muitos que não queriam mais praticar judô e foram deixando, foram só..., foram..., naquele momento inicial pra conhecer novidade e depois não, não mais se interessaram, entendeu? Mas por outro lado, houve interesse por parte da, da, da população não nipônica, entendeu? Crescente. Exatamente buscar o conhecimento do que era aquilo, saber o que era, daí começa também aquela, aquele, aquela propaganda boca a boa: “Puxa vida o judô é interessante porque a gente lá faz exercício, mas além de exercício a criança, quando é criança muda comportamento, tem algumas alterações de comportamento, ganha mais confiança”, é, se torna é..., as vezes alguns falavam “se torna mais valente”, quer dizer, não era o sentido da, da valentia que era importante mas era a forma de, de fazer a tal da divulgação. Mas o, o, o que eu, é, acho importante é que o judô desde o início com o professor Jigoro Kano foi instituído como uma atividade educativa, porque o judô... Felipe talvez a gente esteja misturando bastante assunto, mas acho que não tem problema, você...

F.M. – Não, pra mim tá ótimo.

M.S. – Tá ótimo?

F.M. – Tá tranqüilo.

M.S. – É, o, o judô, não sei se você teve a oportunidade de acompanhar um pouco mais de judô depois da sua formação na escola, né... [risos] ... na Graduação, mas o, o judô foi, é, instituído pelo professor Jigoro Kano como um processo educativo, certo? Tanto que o fundador do judô, o professor Jigoro Kano é conhecido como pai da Educação Física no Japão. Certo? Porque ele foi o primeiro cidadão com formação universitária, que teve essa visão de, é, de utilizar a, aquele, aquela preparação do soldado samurai no sentido de fazer um instrumento educativo, né. Então ele utilizou exatamente as atividades relacionadas com o jiu-jítsu, que ele era praticante de jiu-jítsu do, do samurai, não do jiu-jítsu brasileiro, não..., nada contra o jiu-jítsu, mas é...

F.M. – Você já...

M.S. – ... é, numa outra fase, num outro tipo de, de, de preparação. Então, ele, ele viu no jiu-jítsu, é, nas atividades do jiu-jítsu alguns pontos importantes em termos da educação, é, como um processo educativo. É, exatamente que o, porque o, o, a preparação do samurai era visando preservar, é, reservar certos caracteres, certas qualidades importantes para ser humano, senão o, o guerreiro japonês seria apenas um matador e não..., ele num teria ética, num teria, é, certas condutas em que..., que seriam importantes pra sociedade. Então eles..., é, o, o guerreiro japonês ele era preparado dentro de um processo ético também. Não era só o, a preparação como..., pra matar ou defender mas um processo ético e inclusive de respeito às normas sociais da época, não é? Então isso daí foi realmente, é, é um, um uma medida, digamos assim, uma é, um achado muito importante feito pelo professor Jigoro Kano de transformar essa, essa atividade marcial num processo educativo exatamente como, como das artes marciais do Japão...

[troca de fita]

M.S. – E, essa atitude essa, essa forma do professor Jigoro Kano, então, tratar essa atividade que ele deu o nome de judô, ele, foi ele que denominou judô, fez com que o judô, é, não fosse apenas mais uma arte marcial ensinado de acordo com, com o estilo, de acordo

com meu..., a minha forma de, de ver como o objetivo que eu tenho com relação a esta arte marcial. Ele apanhou..., ele pegou vários estilos do jiu-jítsu, né, para fazer o judô. E montou um processo...

F.M. – Ele iniciou uma, uma ciência que era uma ciência da educação.

M.S. – Exatamente. Isso aí, isso aí que entra então o fator importante da intervenção do professor Jigoro Kano. E, através disso ele vi... ele instituiu um processo educativo, um processo, é, até mesmo pedagógico para a prática do judô. Por isso..., por essa razão o judô teve assim uma aceitação universal bastante favorável porque o judô praticado pelo professor..., de acordo com aquilo que o professor Jigoro Kano ensinou e que foi difundido tanto no Japão quanto fora do Japão, é o mesmo judô, é o mesmo, é o mesmo processo, a mesma forma de fazer.

F.M. – Talvez o fato também dele ter asso..., é, associado o pensamento de educadores europeus tenha facilitado isso, de tornar o judô...

M.S. – Isso.

F.M. – ... legível pra, pra, pra...

M.S. – Para outros.

F.M. – ...para outra cultura.

M.S. – Exatamente. Porque o professor Jigoro Kano ele era filósofo, era uma pessoa é muito culta e ele, ele, ele lia muitos livros em inglês e em francês, entendeu? E, e ele pegou exatamente, é, assim esse, essa, é, uma certa base nos nesses é, homens da, das ciência humanas fora do Japão, né. Isso você realmente tem razão, facilitou muito. Então daí o..., daí que o judô..., então já é, já é um processo educativo no sentido assim, já existe um processo pedagógico único e um processo educativo em andamento. Então quando foi lá em Avaré, quer dizer, o judô era o mesmo e só a intensidade de prática ou a forma de, de levar a condução do trabalho é que diferenciava. E, eu acho que, e, o fato de ter associado

então: do judô ter essa base única, do meu pai ter tido o arrojo de ir a outro centro, um centro grande e principalmente com pessoas de alto padrão de judô, em termos de judô, do universo do judô, e trazido toda essa bagagem, então fez com que o pessoal ali da região tivesse assim essa visão: Puxa vida, o que nós fazemos aqui é o que eles fazem lá, então vai depender de cada um. E por isso, respondendo a pergunta anterior sua, é, se havia diferença, quer dizer o pessoal embora houvesse realmente diferença numérica, porque São Paulo é grande. São Paulo tem isso tem aquilo, mas o pessoal do interior começou a acreditar que poderia desenvolver um judô tão bom quanto da capital.

F.M. – É, assim, teria sido também uma forma, não sei de seu pai, mas de outras pessoas de, de repente tá procurando eu falo especificamente as origens japonesas, de, de repente tá se aproximando um pouco daquilo que era uma expressão da cultura deles, no momento que eles tavam na terra deles assim, uma, uma, um meio de manter a identidade, manter as raízes, estreitar os laços. Porque o que a gente estu... estudando um pouco a história da imigração, tem vários povos que sempre tem aquela o mito do regresso, né. Imigrante que vem pra cá e quer retornar...

M.S. – Que quer retornar e tal.

F.M. – E, e que de repente procurem certas atividades que são praticadas também no país de origem uma forma de, de se aproximar ou de pelo menos amenizar a distância, né.

M.S. – Olha, pode... eu até entendo que possa haver..., tenha havido em algum, em algum instante é, algum pensamento dessa natureza, certo? E manter essa identidade de buscar através do judô uma forma de estar, pelo menos culturalmente, vinculado a, a origem. Mas não acredito que isso tenha sido uma, uma idéia ampla. Não acredito. O judô, é, na verdade quando o, o o judô foi trazido pro Brasil, já havia um grande contingente de japoneses aqui e que nem sequer sabia o que era judô. Porque o judô, ele foi fundado em 1882, certo?

F.M. – Fundado em um centro urbano, não é?

M.S. – Isso, exatamente. Só ele..., dentro do próprio Japão, ele levou algum, algum tempo, assim, alguns anos para ele ser divulgado o próprio judô dentro do próprio Japão. E, então

muitos japoneses que vieram nas primeiras levas de imigração não tiveram, talvez nem soubessem o que era judô. Sabiam o que era jiu-jítsu, mas não...

F.M. – E outras artes marciais também talvez soubessem, né? Como o karatê, alguma coisa assim?

M.S. – É, mas olha, o karatê também..., porque o karatê, ele, ele ficou muito é, digamos assim, limitado a região de Okinawa, certo? O karatê não tinha se expandido muito. Ele ficou pa... ele era praticado e, e muito limitado a região de Okinawa, certo? O que aconteceu é que na mesma época em que o professor Jigoro Kano fundou o judô, é, o, é, houve assim buscas de outras atividades parecidas e de formas de manutenção dessas, dessas atividades assim muito próxima daquilo que o professor Jigoro Kano fez que foi com o, o Aikido e o Karatê. Porque exatamente estavam numa, numa, assim, é, pessoas que praticavam determinadas atividades perceberam que aquilo poderia ser mantido com o mesmo sentido educacional entendeu? Agora, eu, eu acho que o mesmo que se passou com o judô se passou..., teria se passado com o karatê entendeu? O que o pessoal mais... Agora, olha, artes como o Kendo, que é tradicional no Japão, existe ou não?

F.M. – Será que existe? Eu perguntei justamente por isso. Eu entrevistei pessoas do Kendo e a gente percebe exatamente isso: que é a questão de, de manutenção da identidade, de buscar uma raiz...

M.S. – Sim, do Kendo sim.

F.M. – Tanto que, é, é bem fechado né. Assim, você tem brasileiros, mas num número bastante reduzido e...

M.S. – Isso.

F.M. – ...e a tradição, né.

M.S. – É, exatamente. Porque o Kendo, vamos dizer assim, quando se fala em samurai, já se identifica com o praticante do Kendo, ou ao contrário, quando se fala em Kenditsu já se

identifica um samurai, um indivíduo com uma arma que é um guerreiro, não é? Enquanto que o judô, principalmente, tendeu pra, pra, assim como um esporte, assim também entrou o, o karatê depois buscando essa, essa linha do esporte e o Aikido não foi buscar a linha do esporte, foi pegar exatamente a linha de manter... O Aikido talvez seja que mais tem, assim, um vínculo com essa, é, manutenção da cultura.

F.M. – Hunrum

M.S. – Tá.

F.M. – É, porque o Kendo hoje é um esporte, né?

M.S. – É. Não, mas tudo transformou..., acabou transformando em esporte.

F.M. – É, é.

M.S. – ...assim com esgrima ocidental, arco e fecha e tudo, que são, são atividade marciais acabam se transformando, o próprio boxe acabou se transformando em esporte. Pela, pela facilidade porque hoje a, a cultura, a humanidade, né, busca isso.

F.M. – Eleger o esporte como uma atividade.

M.S. – Visa como uma atividade importante para o ser humano. Agora, com relação ao judô, eu num, num, eu num diria assim que os próprios praticantes de judô, claro que os descendentes de japoneses tem uma certa facilidade maior no entendimento de determinadas condutas dentro do judô, dentro do karatê, dentro dessas artes marciais, é, porque pra eles aquilo é uma questão natural.

F.M. – É, é continuação da conduta deles dentro de casa.

M.S. – Da conduta..., isso. Então um exemplo claro, entendeu? É aquilo que..., é a questão da hierarquia, certo? É a questão da hierarquia que aqui no Brasil, vamos assim..., no Brasil, nos esportes não descendentes dessa linha, é, a hierarquia é o nosso que depende

muita coisa. Então na verdade ela é até negada muitas vezes, né, enquanto que no judô, eu falo do judô porque eu não posso falar disso do, do jiu-jítsu principalmente. Mas do judô eu posso dizer com certeza é ainda mantido esse, esse nível de hierarquia, certo? Professor é o professor, o aluno mais antigo, veterano é o, é o Senpai e o, e os outros são os Kurai. Então, quer dizer, isso no judô é mantido. Muito embora já esteja assim bem mais elástica essa, essa hierarquização, mas no judô ela é mantida sim.

F.M. – Você tocou num assunto que é bastante caro pro, pras artes marciais, né, em geral seja ela esporte, seja ela tentando ser arte marcial que é essa questão da hierarquia que tá relacionada diretamente com o modo de ser e de viver dos orientais...

M.S. – Dos orientais.

F.M. – ... na filosofia oriental...

M.S. – Isso, exato.

F.M. – ... na conduta dentro de casa. E, há um momento no judô, você comentou desse processo educativo, você já tem um primeiro, vamos dizer assim, um primeiro é avanço de ocidentalização...

M.S. – Abertura?

F.M. – Isso. E o esporte é um outro momento, né. E assim, é, e aí os ocidentais começam a se interessar e tudo. Então, assim, eu tô trazendo agora uma, uma experiência que eu vi no taekwondo. Então assim, você tinha mestres de Taekwondo no Brasil, coreanos, que vieram pra cá, começaram a difundir o taekwondo, mas que, é, por motivos financeiros ou por outros motivos, não conseguiram manter o vínculo com o centro difusor, que seria a Coreia, por um longo período. E, daí nesse momento você é, e você..., e eles estão ensinando os brasileiros e os brasileiros vão evoluindo na graduação daqueles sistemas de faixas que o ocidental tem a necessidade de saber que ele está mudando de faixa. Aí chega um determinado momento que o, o, esses mestres coreanos na questão pra continuar mantendo essa hierarquia barram a graduação desses brasileiros. E aí é que vem minha

pergunta: o judô viveu esse processo? Assim, você ter os orientais difundindo e aí num certo momento você tem os ocidentais ganhando graduação, se graduando e tal, e aí por um motivo ou por outro chega uma hora que eles vão estar na mesma graduação, aí você tem a hierarquia pro ocidental..., pro oriental não vai estar quebrada, por tem o critério de idade...

M.S. – É de idade.

F.M. – ... né? Mas pro ocidental não. Ele vai falar: “Eu sou igual a você”. Né? “Eu não tenho que te obedecer”. Foi vivido esse processo?

M.S. – Muito, muito e muito claramente. E bem antes do taekwondo e dos..., dessas outras atividades porque o judô foi o primeiro é, esporte. Dessa origem de ir já entrando diretamente para o Comitê Olímpico, como um...

F.M. – A Olimpíada foi em 1950?

M.S. – 1964 no Japão, com o Comitê Olímpico Internacional, certo? Como esporte olímpico. Quer dizer, então o judô..., eu estudo de uma forma rápida, muito clara e, e, e bastante, é, assim, num momento, num determinado momento bastante agressivo, mas ao mesmo tempo o judô superou rapidamente. Quer dizer, superou não significa superou no sentido de da, da quebra da hierarquia...

F.M. – Não equalizou esses fatos.

M.S. – Exato. Mas não que isso tenha resolvido todos os problemas e tal, mas já vamos voltar nesse assunto porque que um negócio assim, cada um tem a sua maneira de ver. E eu tenho a minha um pouco antiquada, mas é a minha maneira de ver. Então como essa, a, graduações o quê que ta aconte... o quê que aconteceu? É, o, o faixa preta, o, o praticante de judô o objetivo dele é ser faixa preta. Ele chegando a faixa preta ele é aquilo que ele queria ser, aqui em nível Brasil. Vamos falar em nível de Brasil, vamos falar em nível de Brasil. Eu acho até mesmo Europeu vai, mas vamos falar em termos de, daqui do Brasil. Ele chegou em nível..., chegou na faixa preta e é aquilo que ele mais queria ser. Daí

quando o indivíduo chega na faixa preta, ele vai querer buscar outras graduações quando ele tem interesses profissionais, principalmente, ele vai se tornar um, um mestre, então ele quer algo mais do que ser simplesmente ser faixa preta. E, é, infelizmente aqui no Brasil, por questões políticas não só ..., por questões políticas a graduação, é, espero que a gente consiga mudar o sentido de organizar melhor, mas a graduação se tornou um instrumento de política, entendeu agora? “Você me apóia na eleição, não sei o quê”? “Você vai ser promovido a faixa preta, você vai ser promovida a Nidan, a Sandan”. Quer dizer, então a, o valor, o valor real da graduação acabou sendo jogado ao léu.

F.M. – Era uma questão que ia fazer início também a..., remete diretamente a sistema de faixa, né?

M.S. – Sim.

F.M. – Você tem um momento que você tem a premiação pelo mérito mesmo, mas aí eu percebo e tanto mais a medida que o judô se profissionaliza enquanto esporte e mais que se torna meio de vida das pessoas que estão trabalhando com ele, não sei, mas é uma suspeita, né, de que aquele professor vai usar a progressão das faixas como uma forma também de..., tem exame, então é uma forma de arrecadar um dinheiro a mais...

M.S. – Sim, sim.

F.M. – ...e aí segurar pra ter um número X suficiente, ou então passar com mais rapidez na medida que for a necessidade financeira daquele...

M.S. – É, é.

F.M. – Existe isso? Como é que é?

M.S. – Então..., veja bem, existe. É, é, existe? Existe. O comércio hoje é claro nesse, nesse aspecto, não É? Existe, não vamos falar que ele não existe. É lógico que tem alguns que procuram manter assim um, um mínimo, digamos, um mínimo de ética, um mínimo de profissionalismo, um mínimo de, de condição de, de conceituação a respeito do que seja

ordem hierarquia pra fazer as promoções. E existem outros que simplesmente, deixa pra lá! Agora, o que acontece é que, é, como o judô, é, teve essa, digamos assim, essa organização esportiva logo de início que eu falei que já foi para o Japão, para a Olimpíada, então já passou a ser regido dentro do processo esportivo brasileiro, então, vamos, vamos falar mais de Brasil que eu acho que facilita pra nós.

F.M. – É essa a idéia.

M.S. – É, o, no processo esportivo brasileiro, então o judô logo ele, ele procurou dentro dessa organização esta entidade máxima que é a Confederação Brasileira de Judô já baixar normas de como deveriam ser as promoções. Muito embora n, n vezes ela mesmo não, não seguiu, não obedeceu, mas estabeleceu-se, né? Como aqui no Brasil é assim, né, em várias coisas, né, a lei é feita...

F.M. – Para ser burlada?

M.S. – ...pra aqueles que... Não, praqueles que mandam na lei. Porque aqueles que mandam na lei, porque tem os que mandam na lei, serem burladas, serem deixadas pra lá e tal. E, no, no judô não foi diferente, é, é, assim, diversas, diversas gente nessa..., muitas e muitas e muitas vezes e acontece isso com uma certa constância de ser, ser burlado esse processo todo. É, existem em todos os níveis, especialmente quando se leva lá pra região Norte, Nordeste com a..., onde há..., junta não só necessidade financeira, mas junta necessidade política que eu acabei de falar, daí a coisa, é, o indivíduo não precisa ter grandes conhecimentos de judô ou da..., algumas vezes nenhum conhecimento até e ser promovido. Então, quer dizer, a valorização por, pelo conhecimento, por aquilo que realmente deve ser feito, é, infelizmente tem sido deixado de lado. Então, eu, eu, pessoalmente que sou faixa preta 8º Dan, né, eu na verdade não me preocupo muito em saber se meu 8º Dan é bom ou ruim. Eu sei o que ele é pra mim (risos) e o que ele representou pra mim e, o, o nível de conhecimento que eu tenho como tem outros no 8º Dan que eu sei que receberam porque são amigos do, do rei, são, são pessoas que tiveram próximas de alguma coisa que alguém queria que ele fosse promovido...

F.M. – é um símbolo de poder na verdade.

M.S. – É um símbolo de poder, é um símbolo de poder.

F.M. – Dentro do esporte. E, assim, no Japão deve ter também um peso até social, né?

M.S. – Só que no Japão tem, é, é, tem a seriedade das coisas. Não vou dizer pra você que a seriedade seja assim é absoluta, tá? Mas existe seriedade, existe mais seriedade no trato desse tipo de..., tanto que um indivíduo pra chegar a ser faixa preta de 6º, 7º, 8º Dan, então ele precisa realmente mostrar alguns conhecimentos muito próprio, específico dessas, dessas graduações. E aqui no Brasil, as vezes é porque é meu amigo, porque isso, porque aquilo e acaba...

F.M. – Mostra um certo conhecimento, mas só até a página dois né?

M.S. – É, até a..., exatamente. [Risos] Exatamente. Deixa eu tomar uma água aqui.

[Interrupção na fita]

M.S. – Essas graduações no judô, elas são, é, assim, difíceis de serem controladas porque, veja bem, a Confederação Brasileira de Judô, ela, ela é a que regulamenta, então a Confederação dá liberdade às Federações Estaduais de promover até o 5º Dan através de exames e através das comissões que..., devem passar por todo aquele processo de, é, da, da regulamentação propriamente dito. Certo? Varia de um estado pra outro, mas tem que ter um..., seguir pelo menos um padrão básico. E, e, antes da faixa preta, certo? Até a faixa marrom, o indivíduo obtém dentro da própria academia, quer dizer, então é um negócio difícil de controlar.

F.M. – Humrum.

M.S. – Agora, como a, a...

F.M. – Até a faixa preta 1º Dan dentro da academia...

M.S. – Dentro da academia

F.M. – ...resolve.

M.S. – Isso.

F.M. – Quem, quem pode dar um 1º Dan a, a..., tornar uma pessoa 1º Dan? Tem que ser 2º Dan ou 1º Dan resolve?

M.S. – Não, não, não. Tem que ser a Confederação Brasileira de Judô através das Federações Estaduais. Essa organização existe e ela é seguida. Não..., veja bem, isso não significa que eu, eu, por exemplo, eu indico você pra ser faixa preta 1º Dan e a Confederação vai lá seguir essa indicação e tal, tal, significa que você realmente tenha o mérito necessário para ser 1º Dan.

F.M. – Não é feito..., são feitos exames lá no...

M.S. – São feitos exames nas Federações.

F.M. – Mas de repente se o aluno de repente ficou um mês pra chegar a faixa marrom pode acontecer.

M.S. – É isso que eu estou falando.

F.M. – Trocou de faixa..., uma faixa por dia.

M.S. – Isso. É isso que eu estou falando. Certo? Entendeu? Então aí..., por isso que eu tô falando que fica difícil da gente ter esse controle total.

F.M. – Mas de qualquer forma, pra ser 1º Dan ele vai ter que mostrar lá?

M.S. – Tem que mostrar. Tem. Quer dizer, aí são dois caminhos. Esse é o problema maior que eu durante minha vida inteira comecei batalhar e sempre perdi essa batalha. É, existem

dois caminhos. Um que, é, eu como fui presidente, vice-presidente da Federação, supervisor técnico durante 08 anos, eu, é, introduzi o exame com uma sé... Quando digo eu, quer dizer eu era o responsável por aquele departamento que cuidava disso. Então nós fizemos um trabalho de dar uma regulamentação, fazer uma regulamentação bem, assim, é, bem próxima da realidade do que o indivíduo tinha que ser e fazer pra ser faixa preta, certo? Então existe o exame. O exame que é composto, constituído de vá..., a promoção é constituída de várias etapas. A etapa da experiência, a etapa do, é, é, de cursos que ele tem que fazer, a etapa do, das demonstrações que ele tem que apresentar, né. Então são, são cinco, seis etapas que ele tem que estar cumprindo para ser..., pra fazer o exame de faixa preta. Mas, o que acontece é que além dessa, desse caminho do exame para ser faixa preta, existe o chamado caminho de dedicação pelo mérito. Mérito do que? É duvidoso.

F.M. – É subjetivo.

M.S. – É subjetivo, entendeu? Então esse, esse é o caminho, a arma utilizada pelo, pelo, para a comitiva. E exatamente esse ponto que é difícil, por quê? Como em todas as atividades aqui no Brasil, a política é mais forte...

F.M. – O mérito...

M.S. – Ou, ou do que a própria organização, né? Certo? Então...

F.M. – Mas aí, professor, é, é, são duas, dois pontos que eu queria levantar a gente que, que, eu que decidi aí ir por esse caminho, estudar o esporte nesse passo das ciências humanas, a gente vai vendo as teorias sobre o esporte e tal e uma, uma que é sempre muito falada, né, a esse respeito de como o esporte se organiza e tal, é justamente com relação à mobilidade social que o esporte oferece...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...então assim, o sujeito entra no esporte e a partir dos seus resultados no campeonato e tal ele, ele consegue patrocínio, de repente muda de estilo dele, claro que ele sabe que essa porta é muito estreita, mas ela existe né? É, então consegue algum espaço,

muda de vida, muda a sua situação, muda seu estilo em algum momento e, eu, e eu também comecei a estudar das artes marciais também na sua interface com as ciências humanas e eu vejo o contrário. O contrário em que sentido que eu tô dizendo? Você vê a questão da hierarquia muito solidificada, né, por conta dessa origem, nas coisas que os orientais..., no modo de viver dos orientais de quanto é importante a hierarquia e vejo esse choque, né, de um valor próprio do esporte que é justamente essa mobilidade e um valor que é próprio da arte marcial, mas que vão se chocar no momento em que essas artes marciais começam se esportivizar. Então, a pergunta que eu queria fazer é exatamente o seguinte: o quê nesse processo aí que você falou agora sobre o judô vai ser, num seria próprio dessa questão, dessa junção turbulenta, né, no entendimento, né, de..., dos valores, é, de origem das artes marciais e dos valores de origem do esporte e o quê que seria também próprio de uma forma de ler e entender o mundo aqui, nossa, brasileira, né? A questão do jeitinho, a questão de, de favorecimento político e tal?

M.S. – É realmente é um, uma questão muito interessante porque, é, isso que você está levantando, porque realmente nós chegamos num ponto em que as águas elas, elas estão fluindo e começam buscar divisores, certo? Começam buscar divisores, quando exatamente deveria ser ao contrário, as águas deveriam correr por vertentes diferentes e se juntar-se lá na frente, entendeu? Então, se isso acontecesse seria bom pro Taekwondo, seria bom pro judô, seria bom pra todas es... essas atividades. Por quê? Veja bem, o quê acontece? É que é difícil separar o esporte da atividade qualquer. É difícil de separar o esporte de rendimento da atividade, é, fim em termos educacionais. Vamos..., não sei se eu to conseguindo me fazer entender.

F.M. – O objetivo de um deixa...

M.S. – Isto.

F.M. – ...pode se separar também do objetivo do outro.

M.S. – E deve ser separado. Veja bem, é, se nós conseguíssemos, e isso foi o que eu mais tentei dentro..., fazer dentro do judô, é, veja bem, mas é difícil porque não ta li..., é uma questão de mentalidade, não é uma questão simplesmente de você baixar a norma e vai ser

assim. Não! Vai ser muito mais..., puramente de mentalidade. Se você tem a atividade educacional, essa atividade educacional, do a..., do judô, do taekwondo do karatê, ela existe em qualquer momento em qualquer oportunidade, em qualquer tempo, em qualquer fase, em qualquer idade. Certo? A educacional. Que pode ser ao mesmo tempo recreativa e voltada pra saúde, certo? Isto... um outro lado agora sai e que tinha que sair exatamente desse núcleo é o esporte de alto rendimento. Porque esporte de rendimento não é quem quer, é quem tem mais habilidade. Esporte de alto rendimento é quem tem não vou falar talento porque talento é uma questão até..., claro que ele existe, tem que existir, mas não é o único elemento dentro do, do esporte de rendimento, mas pra quem tem mais habilidade, né? Então se houvesse esse entendimento de todos, o judô, como o taekwondo seria maravilhoso. O problema é que nessa mistura das coisas, eu..., o, o, o indivíduo que..., isso acontece no taekwondo, acontece demais no karatê, muito mais do que no taekwondo, acontece no judô, acontece em todos espor... Por quê? Um indivíduo que se torna um professor de judô, ou um professor de karatê, ele se torna o homem que sabe fazer tudo. Ele é o primeiro que prepara o atleta, é, meu atleta não pode ir, ir naquela academia porque não sei o que, o meu não sei o que, é, o meu aluno eu que formei. Quer dizer, então começa..., ele num tá trabalhando para o conjunto ele está trabalhando em cima do indivíduo e dele próprio, né? Então é isso que torna-se difícil. Agora, dentro..., não, não tenho a menor dúvida porque o judô, o esporte de rendimento, ele tem a sua fundamentação. Seja no judô, seja no taekwondo que são esportes olímpicos, certo? Mas, mas nós temos a certeza, nós sabemos, nós que fazemos que nem sempre ele tem um... assim, coisas que, a não ser a base da prática que vê com o judô propriamente dito ou com o taekwondo propriamente dito. Ele é um esporte que, com o boxe, com o, a, o futebol, como qualquer outro. É um esporte. Agora, é muito complicado as pessoas que tão dentro dessa atividade é [corte na fita], conseguirem se separar exatamente isso. Eu me julgo aí bastante feliz em poder enxergar esses dois lados, mas como eu convivo com as pessoas, com o pessoal que trabalha, que atua dentro do judô, eu vejo essa.. num é nada assim...

F.M. – Porque também chega um momento que o esporte, ele se torna mais rentável, mais glamoroso...

M.S. – Muito mais.

F.M. – ...e aí as pessoas, e isso eu trago a experiência do taekwondo mas... [acabou a fita] de certa forma te conduzia à academia mas privilegiando o esporte, né, então é assim, não sei como é no judô se...

M.S. – É eu, você colocou de uma forma assim pra mim bem familiar porque eu digo, é dizia, né, porque agora já a algum tempo eu não tenho mais feito palestras, eu saia dar palestras falava exatamente alguns pontos a respeito disso aí e aquilo que nós vimos com o esporte é a vitrine do judô e isso que eu queria que os professores entendessem que a vitrine é uma coisa que a gente põe lá porque é mais bonito, o de melhor, para chamar a atenção. Agora, o, o trabalho, o ponto X da questão tá lá atrás que é quando o professor, ele, ele não vai privilegiar dois, três atletas que possam se destacar, mas ele vai trabalhar com uma massa grande. Se ele souber trabalhar bem esta vitrine, ele vai ter aqui uma base muito grande, é ter é duzentos, trezentos alunos isso vai ser bom pra ele. E eu sempre tive muita dificuldade em, em mostrar isso aí, entendeu? Por quê? Porque o pessoal é, é fica muito obtuso nessa, nessa visão e gente não consegue mostrar que..., a vitrine todo mundo quer, mas o que tá lá atrás é que o pessoal acaba..., que o pessoal acabou deixando de lado em relação ao judô. Acaba deixando de lado que é o, exatamente um fundamento, o porque da prática do judô, ou o porque da prática do taekwondo que existe uma, é, um, um, uma importância maior. Então, eu sempre cito que é muito mais importante você ver, pegar criança de sete, oito, dez anos e, e mostrar pra eles que eles têm uma série de possibilidades a mais quando estão fazendo essas atividades, que eles vão, vão, vão procurar ganhar coisas que não é apenas a medalha em si. Agora o pessoal sempre acaba levando no final pra questão da medalha. Quando é que vai ganhar, quando é que vai ficar bom [risos]. Então...

F.M. – Mas então essa, essa característica, ela acompanha a indiscriminadamente os professores de judô, claro, sempre tem exceções é natural que elas existam, mas você percebe entre essas pessoas que vão pra esse lado mais, mais valorizando a competição e, e esquecendo uma certa que a gente pode chamar de essência do judô, uma base do judô? Se isso vai atingir aí indiscriminadamente pessoas de origem oriental, de origem nipônica ou brasileiros, ou isso é geral?

M.S. – Olha, eu acho que é geral. É geral. Hoje aqui no Brasil não tem, não tem nenhuma diferença, não tem nenhuma diferença.

F.M. – Até porque isso também poderia estar relacionado com o fato tanto para o processo de imigração japonesa já ter, já te si..., já tá aí...

M.S. – Sedimentado. É. Eu acho que não. Eu diria pra você que é uma questão, é, de evolução dos tempos mesmo, evolução através dos tempos, né? Porque, veja bem, é o judô foi é, que nós estamos usando hoje, é, ele, ele, ele tem passado por vários tipos como esporte olímpico que é. Passando por vários ciclos no qual sentido? No sentido da competição maior, do, do, daquele, daquele nível de competição top. É, houve um momento em que esta..., tava com judô força, judô de da ação física propriamente dita. Daí entrou..., é, é, aliás, antes era só o judô técnico. Não entrou, não, não tinha o judô puro assim do treinamento. Daí veio o predomínio europeu em cima do é, quer dizer, do judô japonês, vamos chamar porque o judô japonês é o judô de origem, teve o predomínio do..., sobre o judô japonês exatamente porque o europeu tem muito mais condições físicas, dentro do trabalho de preparação, do trabalho de treinamento do que os próprios japoneses, porque os japoneses não conheciam, né? Mas daí o Japão também buscou outro tipo de, de trabalho associando os conhecimentos ortodoxos com o, o, os treinamentos mais as formas de trabalhos, quer dizer de treinamento mais desenvolvido e o Japão voltou a predominar em termos do top. E, hoje o Japão está voltando a cair porque provavelmente esse trabalho que foi feito no Japão não, não, não..., a continuidade dele é difícil porque vão surgindo novidades, certo? E, então no próprio o..., no próprio Japão tá caindo. E, então, essa questão não está associada a questão do porque o japonês já tá aqui à 100 anos, não, acho que, num, num tem essa vinculação. O judô se internacionalizou de uma forma muito forte e, então, cada um vai buscar a sua identificação, a sua identidade na, na escola onde ele, onde ele acha que se adapta melhor. Quer dizer, então na escola japonesa..., o judô brasileiro é de escola japonesa, não tem por onde. O judô brasileiro é de escola japonesa. O..., tem o judô da escola russa, tem a escola francesa e a escola japonesa que são as linhas mais, mais assim de destaque. A, a linha do, da, do judô russo, do judô soviético, né, da antiga União Soviética é uma linha, é, que, porque eles utilizam..., já tinham..., porque lá eles tinham uma outra luta muito parecido com o judô o chamado Sambo, né, que..., então..., e que eles tem uma preparação melhor. Então tem essas três linhas e isto daí vem

se, digamos alternando ao longo, pelo menos ao longo desse período em que nós tamos, não é muito né, mas já são..., já são quatro..., quarenta anos, né, quarenta anos com, com olimpíadas, com judô na olimpíada. Quer dizer, então, é, é esse ciclo tem se..., e por isso que eu acho que o judô num, num, eu não diria que essa mudança, né, nesse aspecto que você esta levantando tenha sido por porque a imigração já..., aqui no Brasil já tá completando cem anos e ta consolidando com os costumes brasileiros. Eu diria que acho que é questão mesmo do tempo. Assim, da evolução da própria atividade.

F.M. – Do tempo que a gente tá vivendo...

M.S. – Isso, como tá vivendo.

F.M. – ...e do como as coisas tem se encaminhado.

M.S. – Isso. Tanto que o judô brasileiro hoje tá, é, é um judô que vem crescendo ao longo do tempo, que dizer, em termos de conquista, agora eu não tô falando o judô base, o judô..., não. Eu tô falando em termos de conquista.

F.M. – Termo de conquista. Você tá falando em termos de conquista.

M.S. – É de conquista.

F.M. – ...no cenário do esporte.

M.S. – É, é, no cenário internacional, no cenário do esporte. Que o judô veio num..., crescendo bom, vem se mantendo, é, quer queira quer não, quando fala em termos de esporte, é, pessoal vai medir pelo nível de conquistas olímpicas, campeonato mundial, que é isso que, que acontece, né? Veja bem, o brasileiro vem se mantendo em, em num alto nível, agora se você perguntar pra mim assim: “Mas isso se deve a quê”? Eu diria que exatamente pelo fato do, do judô brasileiro seguir a escola japonesa e ter muito..., o brasileiro tem muito mais adaptabilidade aos processos do que o japonês (risos), do que o próprio japonês. Quer dizer, eu, eu, é uma, é uma maneira como eu vejo, mas lá é mais ou menos por aí. Agora, com relação a mudanças e costumes eu..., não sei, eu acho que, acho

que é, é, tem coisas, por exemplo, que até no Japão hoje já não é como a vinte anos atrás ou quarenta anos atrás, né. Até lá no Japão mudou muito, então eu acho que, eu acredito que essa, digamos essa forma do, do, do, não vou falar que o judô perdeu os seus vínculos com a, com a tradição, mas, é, assim, a menor aceitação acho que é devido exatamente a, a globalização...

F.M. – Humrum.

M.S. – ...vamos dizer assim, a globalização. Embora aqui no Brasil a gente ainda mantenha um padrão de conduta dentro do judô muito mais assim próximo do, do o judô antigo do que... na Europa, por exemplo, é, é, a coisa ficou esporte e esporte pelo, pela, pelo...

F.M. – Se você levar uma criança de três anos que nunca ouviu falar no Japão pra praticar judô...

M.S. – Ele vai praticar sem ver quê...

F.M. – ...ele vai praticar sem saber que é do Japão?

M.S. – Exatamente. [risos] Vai, lógico. Vai, né.

F.M. – Isso é uma coisa que eu tenho notado muito nessa, nessa escalada do judô esporte né?

M.S. – Humrum.

F.M. – Essa quase que desvinculação.

M.S. – Isso.

F.M. – Se você for pegar as finais de campeonatos e for olhar quem tá lutando ali, você vai falar: “Pô da onde que saiu esse esporte”?

M.S. – É.

F.M. – Porque se eu não souber que é do Japão...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...aí eu vou ver lá um sul-africano com um brasileiro...

M.S. – E vai mesmo.

F.M. – ...com um francês, com um russo e tal...

M.S. – Isso, certo.

F.M. – ...e de onde saiu, né?

M.S. – Exatamente. Exatamente. Agora, essa, é, é, é aquilo que você já levantou aí um pouco atrás, isto quer queira quer não é bom para o esporte, é bom. Para o esporte é bom, certo? Como esporte é bom. É, e agora, a questão da cultura em si, para o Brasil é importante a gente manter alguns traços do, da cultura japonesa na prática do judô. Por que que é importante? O europeu tem uma outra linha de conduta para a educação, para a formação, para a preparação e inclusive para a profissionalização. O brasileiro não, o brasileiro já..., ele já leva para um lado..., aqui no Brasil né? Já leva para um lado é, assim, como você colocou aí, do jeitinho, disso, daquilo...

F.M. – Com certeza não é o nosso forte.

M.S. – Exatamente, isso não é o nosso forte. Daí o, a coisa vai descambar. Por isso que eu acho que, que a manutenção de alguns traços da cultura japonesa dentro do judô pra nós é importante. Pra nós é importante. É importante, veja bem, não é pra cultivar o Japão, nem cultivar o costume japonês, é pra cultivar..., pra, para trazer alguma contribuição na cultura brasileira. Eu acho que o brasileiro precisa conhecer melhor essas questões ligadas a, a conduta social dele, ao, a conhecer os limites dele, quer dizer, limites de onde ele pode

estar atuando e até onde e a partir de quando, certo? E, e um outro aspecto que, que eu vejo muito isso na sociedade assim que, não no nível social lá embaixo porque eu não convivo muito, mas assim, no, no nosso meio aqui entendeu? Que é necessário a gente dar um pouco mais de instrumentos para as crianças enfrentarem desafios, certo? Conhecer limites é bom, mas precisa também aprender a conhecer..., a enfrentar desafios que eu, eu acredito que o judô tenha muito pra, pra contribui para isso, tanto..., porque, veja bem, é aquilo que eu sempre falo quando converso com pessoas, é, que, num, num estão assim, num são praticantes de judô propriamente dito, é o judô tem isso de bom. Ele, né, o menino vai lá no, no Dojo entra e tal, então ele sabe que existe uma regra pra ele seguir. Além dele seguir a regra, quando ele vai praticar judô propriamente dito ele pega um menino maior, mais forte, ele sabe que é maior, ele sabe que é mais forte então ele tem que ter o respeito. Ele ... cê tem que ir lá e...

F.M. – Vai com calma.

M.S. – É. [risos] Todo mundo saber, né? Assim como se ele pega um maior e mais forte ele fala, eu quero ganhar dele. Quer dizer, é o desafio né? Quer dizer, então a gente não precisa ficar falando: “Ó, o desafio é este, o limite é aquilo”. Quer dizer, ele mesmo está enfrentando naquele momento dele...

F.M. – Referente à prática.

M.S. – Exatamente. Faz parte do, do, do conteúdo da, do próprio judô. Assim como no taekwondo, né?

F.M. – Eu vou, vamos seguir um pouco aqui para um outro caminho da entrevista. Queria voltar um pouco ali no sem..., ali na questão de Avaré pra gente pegar um pouco esse processo de desenvolvimento de sua própria academia, né? E da sua própria, do seu próprio, da sua própria vitória profissional. Então lá em Avaré, seu pai volta de São Paulo, nesse momento você já ta cursando universidade?

M.S. – Não, não, eu ainda era criança. É, foi em mil novecentos..., em torno de 1959, 60, eu tava, é, num ginásial, naquela época, né? 59, 60 eu devia estar na terceira série do ginásial, né?

F.M. – Humrum.

M.S. – Antigamente tinha o ginásial, corresponde a sétima série hoje. E, eu, eu simplesmente pra..., fazia judô porque tava ali no meio com o pessoal quando tinha começado e tal. É, o, o meu pai retornando lá de São Paulo, claro que ele, ele teve um período de adaptação e tal, daí ele assumia a, a direção técnica. Felipe eu acho que tá um pouco quente aqui, vamos passar para uma outra sala? [pausa na fita] Mas então, e..., aí o que acontece? O meu pai sempre foi entusiasta de judô, assim, depois que ele começou, retornou a prática, foi um entusiasta e me incentivava muito, é, em fazer judô. E, é, eu..., ele foi me orientando e eu fui seguindo as orientações que ele me passava, então nessa época, com quatorze, quinze anos, né, é a fase que toda pessoa é um, o quê? O jovem, ele tá na busca de um caminho, na, na, em, em procurar o que é ele..., saber quem é ele mesmo. E eu fui seguindo as orientações do meu pai com relação ao judô e fui me dando bem. Daí quando eu terminei o científico, o colegial, bom eu na verdade, meu pai ainda não tinha condição financeira pra eu ir pra universidade e eu fiquei trabalhando na cidade. Fiquei dois anos trabalhando e..., mas nessa época eu aproveitei para treinar bastante porque eu já tinha terminado a, o colegial. E coincidiu que em 1965 o meu pai foi convidado para vir aqui, em Botucatu, montar uma academia de judô. Porque aqui num tinha uma academia de judô com, assim, nos moldes de, de uma estrutura organizada. Então meu pai veio e montou a academia.

F.M. – E Botucatu era maior que Avaré na época?

M.S. – Era, era. E aqui já tinha Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas.

F.M. – Hum. Depois se tornou o...

M.S. – Depois se tornou Unesp. Exatamente

F.M. – Era um centro isolado.

M.S. – Era, era... Um Instituto isolado.

F.M. – Instituto isolado.

M.S. – Exatamente. E quando meu pai veio montar a academia, eu vi, vislumbrei a oportunidade de eu entrar num curso universitário aqui. Daí eu até propus, como eu já tinha nessa altura 18, 19 anos, né, eu propus ao meu pai o seguinte: “Olha, eu vou ajudar o senhor lá em Botucatu e eu vou tentar entrar na Faculdade”. E deu certo que eu estudei e tal, me preparei. No ano seguinte eu já entrei..., tinha entrado na Faculdade no curso de Ciências Biomédicas da UNESP. Quer dizer, hoje UNESP...

F.M. – Humrum.

M.S. – Na época era certamente um Instituto isolado, a Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas. Daí, mas..., nesse período que eu estava sem tar, sem tar estudando...

F.M. – Em 1966, é isso?

M.S. – Isso, eu entrei em 1966 aqui. Daí o, o, mas eu tinha..., eu já vinha de uma preparação forte porque é, se você se lembra que eu falei de um rapaz que foi campeão paulista de faixas pretas, primeiro aluno do meu pai a conquistar um título expressivo em termos de judô, lá em Avaré. E, eu treinava com ele, né. Fazia par no treinamento com ele, então, eu já, eu já vinha numa preparação boa e já tava aí disputando em nível estadual e tal e me saindo bem até. E quando eu entrei na Faculdade, daí surgiu também a oportunidade de participar dos Campeonatos Universitários, entendeu? Então eu logo no primeiro ano fui campeão brasileiro universitário, daí eu fui ganhando...

F.M. – É um nível diferente, mas que tem...

M.S. – É. Mas que tem uma organização de tempo. E coincidiu que em 1967 eu, eu como representante do Brasil eu fui para os Jogos Universitários em Tóquio, na Univer.... de

Tóquio entendeu? E, mas eu já tava no segundo, já tava fazendo faculdade, segundo, terceiro ano daí em 1968 eu fui para o Mundial Universitário de Judô em Portugal, fui campeão Mundial Universitário, quer dizer, então essas coisas vão se somando e a essa altura [corte na fita] e eu já era..., a essa altura eu já era é também Campeão Paulista, Campeão Brasileiro, Pan-Americano, entendeu? Eu já tinha conseguido vários títulos assim importantes e dava, assim, me enxergando no cenário do judô. Bom...

F.M. – Paralelo a isso a Faculdade?

M.S. – Paralelo a isso a Faculdade. Daí eu me formei em 1969 é, fiquei um ano fora daqui e fui convidado pra, para retornar a Botucatu, na Faculdade, como professor. E naquela época...

F.M. – Você foi pra Avaré então?

M.S. – Eu tinha voltado pra Avaré e tava dando aula como professor num colégio lá, e em na Faculdade particular lá. E depois quando surgiu a vaga aqui, me convidaram para vir. Naquela época tava começando aquele negócio de pós-graduação, de fazer Doutorado e tal, né. E então daí me interessou quando eu fui convidado pra vir pra cá, eu vim e..., mas eu tava mais preocupado em seguir a carreira universitária do que fazer..., seguir a carreira do judô. Mas eu já tinha, lógico, eu já vinha...

F.M. – Humrum.

M.S. – ...durante toda a vida fazendo judô paralelamente aos estudos e tudo. Então que eu nunca deixei de praticar judô, né. Quando foi em setenta e..., daí eu já tinha me formado, daí já estava como docente aqui na, na Universidade, na Faculdade. E em 7192 o meu pai faleceu, num acidente de carro. Aí, caiu, caía exatamente naquela situação: “Puxa vida, o judô que meu pai tanto lutou, batalhou pra ter um ideal...” Que na verdade o que mais me fazia de, de, dar conti..., assim trabalhar com relação ao judô era o estilo, a forma como o meu pai fazia a pratica do judô. Não como só a busca de resultados esportivos, mas também como uma atividade de, de influência social aqui na cidade ou em Avaré, onde ele morava, né, entrou nos dois núcleos...

F.M. – Ele era de simples lavrador, ele passou a ter alguma representatividade na cidade.

M.S. – Isso. Exatamente. Na cidade e tal. E, e com isso cai exatamente naquela questão que você já citou em relação ao esporte. Como eu era de origem simples, de origem lá da, lá da agricultura e tal, humilde, bastante humilde, mas o esporte meu deu essa oportunidade de vir fazer uma Faculdade, foi o próprio judô, de galgar degraus, assim, ascender socialmente né, e inclusive de, de ser visto pela..., não só pelo, pela população de Avaré, Botucatu como campeão de judô, mas por todo o, a comunidade do Estado de São Paulo e do Brasil também, né. Quer dizer, então o ju..., o esporte me deu essa oportunidade de chegar nesse nível e claro que isso eu sempre cultivei como um, a, um fator importante para minha vida. De ter o esporte como um..., de ter esse esporte, o judô, como alguma coisa que eu se, se eu pudesse manter a chama eu ia procurar manter. Só que quando meu pai faleceu, eu estava me preparando para o Doutorado, na fase em que você está agora, né, me preparando para o doutorado e, eu fiquei na dúvida tremenda. “Puxa vida, será que eu vou largar o judô”? “Vou abandonar o judô”? “Vou dar continuidade e tudo”? “Como é que fica, vou fazer”? E fiquei naquela situação terrível, né? Ai que eu, meu orientador falou: “Não Matheus, judô é sua vida. Não tem problema. Você vai continuar fazendo o judô”. Agora, na Universidade, porque a minha área é a área Biológica, não, não é a esporti..., não era a área esportiva, era biológica. E, quer dizer, “dá continuidade ao seu trabalho, se não larga da universidade porque isso não tem sentido”.

F.M. – Humrum.

M.S. – E o judô..., veja como você pode se torturar, foi quando, “puxa vida, ta aí uma saída”. Eu dei continuidade a atividade que meu pai fez, é, iniciou e ao estilo de trabalho que ele desenvolveu, digamos assim, criando uma, uma escola de judô, nos moldes dele, é..., aliás eu até preciso fazer um parêntese aqui, quando eu falo no meu pai embora ele não tivesse uma formação escolar, mas o meu pai era uma pessoa que lia muito, principalmente o judô, entendeu? Então quando ele podia lia livros e livros de judô em japonês aqui. Se você precisar de ajuda em japonês aqui. [Risos]

F.M. – Seu pai foi alfabetizado. Foi alfabetizado em japonês, então ele lia com facilidade?

M.S. – Lia e, e livros e revistas sobre judô. Ele lia muito. Então ele avançou em relação aos compa..., aos companheiros dele de judô bastante porque ele não só lia, como ele, ele estudava muito. Então só fazendo esse, esse parêntese.

F.M. – Vocês, você e suas irmãs também tiveram a oportunidade de serem alfabetizados em japonês, ou não nunca...

M.S. – Eu fui mas não...

F.M. – Não desenvolveu?

M.S. – ...não desenvolvi, é.

F.M. – Ah. Já pra fala...

M.S. – Muito pouco também. Por causa do meio, né, a gente acaba tendo a influência do meio e a minha mãe não era mais, não era japonesa, minha mãe é..., já tinha nascido no Brasil, e vive...

F.M. – Mas ela é descendente de japonês?

M.S. – Descendente de japonês, mas o meio onde ela vivia era só..., não se falava em japonês. Entendeu? Então mais uma coisa que contribuiu pra gente não, acabar não desenvolvendo isso. Aliás, faz falta. Mas, então o que aconteceu? Eu, é, é, retomando essa linha da história do quando meu pai morreu, eu acabei fazendo exatamente isso, continuei como docente, fiz meu doutorado mas não deixei a escola de judô morrer. A escola de judô criada pelo meu pai morrer. E é essa aqui. Pelo contrário, eu procurei até mesmo dar novas condições porque eu não vivia do judô, quer dizer, o judô foi uma questão assim, de um, de manter um ideal, de, de manter uma, uma, uma coisa que pra mim era muito importante. Daí eu trouxe..., é, convidei um professor pra, pra trabalhar comigo. Esse professor seguia a mesma linha do meu pai que também tinha praticado judô com meu pai. Entendeu? E isso aí acabou fazendo um bom tempo e, aqui em Botucatu, essa academia que depois

recebeu o nome do meu pai, tem 42 anos, tem quarenta e... tem 35 anos, é isso. Foi criada, foi criada em Março de 1973. Fazendo 35 anos. E a..., aqui em Botucatu que meu pai, é, começou, né, tá fazendo 42.

F.M. – E, e, Matheus, assim, entrevistando outras pessoas que começaram com o judô, é claro que você tem uma história diferente, né, por conta de ter uma outra profissão, uma profissão...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...que a gente sabe que tem um ganho relativamente, é...

M.S. – Dá pra sobreviver.

F.M. – ... é, da um conforto pra família, criar os filhos essa coisa toda, né, então assim, evidentemente que a academia nunca foi o ganha pão...

M.S. – Sim.

F.M. – Né, pode ter sido em algum momento, alguma coisa interessante, um ganho extra interessante, mas talvez não. Mas, é, e aí a gente faz essa pergunta pra..., geralmente praquelas pessoas que vivem apenas da arte marcial, né, mas talvez seja interessante se você puder responder. Como é que foi, assim, a aceitação do judô em Botucatu nesse pri..., naquele primeiro momento, na hora que você abriu a porta, e as pessoas se conheciam? Não se conheciam? A gente sabe que na década de 1960, você já tem TV, mas não sei se o judô era uma, uma coisa difundida, né, nesse nível. Então como é que as pessoas começaram a procurar, o quê que aconteceu?

M.S. – Então, daí entra um outro aspecto muito, assim que, que eu gosto de falar também por quê? Veja bem, quando eu falei escola de judô criada pelo meu pai, foi porque meu o pai, é, conseguiu através do judô, é, mostrar exatamente esse aspecto não do judô competição apenas, mas do judô educação, do judô formação, do judô preparação, do judô educação complementar, né, e, e, e ele teve sucesso nisso. Então a sociedade Botucatuense

confiou muito no trabalho dele e, é, foi muito bem recebido. Aqui em Botucatu o judô foi muito bem recebido, muito bem aceito. Tanto que, é, nós, sempre mantivemos aqui, a academia, sem recurso nenhum externo, nem patrocínio, nem nada. Só com o, o aquilo que...

F.M. – Era, era uma teia de relações sociais que seu pai estabeleceu antes de trabalhar.

M.S. – Exatamente. E, então foi suficiente. Embora eu não vivesse profissionalmente e não vivesse financeiramente do judô, mas foi possível manter uma estrutura com professor, com um profissional com salário adequado. Que a gente tem que..., desde aí, tem que ter um profissional que possa ser bem, é assim, trabalhar com satisfação, ele tem que ter uma remuneração adequada, então com, com uma remuneração boa e que, é, dava pra inclusive fazer essa, essa manutenção do esporte em si. É claro que daí até haver uma expansão em outras, em outras linhas, lógico que já não..., já foge bastante. Hoje por exemplo, nós temos seis projetos sociais com 300 praticantes de judô nesses projetos sociais em núcleos que não pagam nada, tá. São praticantes de judô. Tem lá no SESI, no Ginásio de Esporte e outros núcleos, com nossos, nosso pessoal e que, claro que tem um custo adicional, então a academia só não tem..., não tem como, por isso que eu to falando, hoje ta difícil por causa disso. A gente não consegue mais manter. Se fosse só academia em si, sabe, porque a academia não, não, nós não teríamos grandes problemas, mas pra gente poder tar atuando..., porque eu to falando isso porque, veja bem, nós chegamos em uma encruzilhada também, em relação ao esporte, que os praticantes de judô com condições de pagar uma mensalidade de R\$50,00 que seja, passa a ser uma elite, certo? E elite não esta mais voltada para o interesse do esporte...

F.M. – Vai buscar ascensão de outra forma.

M.S. – De outras formas. Isso daí tá em todos os lugares, onde, onde existe pessoas com, com condições financeiras um pouco melhor. Não precisa ser rico, mas, é, passa a ser uma elite, né? E, as, as opções são muito grande também. Então, o quê acontece? Nós perdemos força esportiva. Nós perdemos força esportiva. Os projetos...

F.M. – Isso tá acontecendo em todos os esportes?

M.S. – Em todos os esportes. Isso, não..., isso é da sociedade.

F.M. – Até o futebol tá vivendo isso.

M.S. – É da sociedade.

F.M. – Da expansão das cidades, saindo dos campos...

M.S. – Isso. É da cidade, né. Isso é da sociedade, da evolução da sociedade, claro. E, mas nós conseguimos, estamos conseguindo fazer um trabalho..., confesso que pra todos os projetos sociais a onde nós temos duas coisas. Um é que a gente leva o judô num nível, assim, de pessoas mais humildes, que não teria condições de estar pagando R\$10,00 por mês pro filho fazer judô, R\$5,00, mas o filho dele está fazendo judô e por outro lado, nós estamos conseguindo formar, aí uma elite esportiva. Não uma elite financeira, uma elite esportiva de trazer garotos, meninas, rapa..., meninas e meninos, né, jovens para a prática de judô com o objetivo esportivo, de rendimento, entendeu? Então é uma mão..., é uma via de mão dupla. A gente leva o judô pra lá e a gente traz o atleta pra cá. Quer dizer, eu acho que, é, eu já sou um sonhador, tá.

F.M. – Isso só acontece porque você também teve que aumentar essa base, né?

M.S. – Eu tive que aumentar, exatamente.

F.M. – E aí manter essa estrutura já é um desafio.

M.S. – É, e é aí que entra o meu desafio, se tá entrando num grande desafio, então tem o problema do custo. Tudo isso tem um custo. Quer dizer, não é..., manter..., fazer o judô lá é bonito mas...

F.M. – Tem um profissional lá que vai precisar receber.

M.S. – Exatamente. Tem uma estrutura toda, né. Mas eu acho que, é, é bom. É gratificante, entendeu? Porque é, eu acabei fazendo aqui na academia um centro onde eu trago os rapazes e moças de, de... [troca de fita]. Um certo alento, né, em relação ao esporte propriamente dito. Não sei se vamos conseguir manter, mas a idéia é essa. Então quando, o, a gente fala em termos, assim, profissionais, é, embora eu, digamos assim, financeiramente não vivo de judô, mas eu sempre tratei o judô como profissional. E quando eu fui para Bauru, eu era aqui da UNESP em Botucatu, daí eu fui convidado pelo antigo diretor de lá, exatamente porque eu tinha formação também em Educação Física, tinha não, tenho, até hoje. Tenho formação em Educação Física...

F.M. – Mas você se formou como..., em que momento? Foi posterior então?

M.S. – Foi. Foi. Eu já era, veja bem, tudo em função do judô. Eu já era docente com doutorado e tudo, né, mas por causa do judô sempre fica aquela, aquela ânsia de conhecer um pouco mais...

F.M. – Humrum.

M.S. – ...e exatamente porque eu tava ligado com o esporte, com o judô, quando saiu aquela lei de, de implantação da Educação Física obrigatória nas Universidades o pessoal daqui não tinha quem, é assim, lidasse com isso, foram em cima de mim. “Ora, você vai ser..., lá no departamento você vai ser o responsável pela Educação Física”. “Ora, como? Mas eu não sou da área? Eu sou do judô”.

F.M. – Do Judô.

M.S. – Mas né? “Não e tal...”. “Tudo bem então”. Daí veio aquele desafio. Que eu fa..., quando eu falei do desafio. “Cara, se eu vou fazer um negócio desse que eu não sei...”. Então o que eu fiz? Eu fui fazer um curso de Educação Física noturno. Eu saia daqui... saia da faculdade correndo tinha..., claro, tinha dia que num dava pra sair assim na hora pra pegar a faculdade, que eu ia lá na faculdade em Avaré, que tinha na região de Avaré, de Educação Física e, eu me matriculei porque, como eu tinha formação universitária...

F.M. – É.

M.S. – ...era mais me matricular do que, do que qualquer outra coisa. E eu...

F.M. – Já tinha sido docente lá também, ou não?

M.S. – Não. Ah, tinha, tinha sido, tinha sido docente também, é, em um outro curso...

F.M. – No início?

M.S. – ... é no início, em outro curso. E então eu fui fazer Educação Física, né, naquela época a Educação Física era de 3 anos. Eu me formei em Educação Física, né, e surgiu essa, essa oportunidade de eu ir pra Bauru, quando na verdade não era nem uma, vamos dizer assim, uma oportunidade porque eu tava querendo ir pra Bauru. Não é isso. É que tava com alguns problemas assim em termos do crescimento da própria UNESP, da evolução das coisas, o departamento naquelas, naquela..., pegando fogo naquelas brigas...

F.M. – É eu já tô conhecendo um pouco isso aí.

M.S. – É. [Risos]

M.S. – Surgiu o convite e eu fiquei pensando uns tempos porque puxa vida eu vou sair daqui...

F.M. – Já estabelecido.

M.S. – ...é. Tô tranqüilo, e vou pra Bauru. Mas cê sabe também que esse, com esses problemas todos que havia no departamento e surgindo essa oportunidade, eu resolvi ir pra Bauru. Aceitei o convite e fui pra Bauru. Pra mim, particularmente..., profissionalmente foi a melhor coisa que eu fiz. Porque lá oportunidade de...

F.M. – Profissionalmente nos termos acadêmicos?

M.S. – Nos termos acadêmicos. E inclusive de realização de judô...

F.M. – Hum.

M.S. – Porque daí lá não tinha como dar aula de judô e eu era docente acabei dando aula de judô e fui, porque eu fui para a área biológica. Aonde eu tinha domínio, mas acabei dando aula de judô porque eu tava lá. Claro, né, departamento. E, e isso pra mim foi muito gratificante eu ter ido pra lá e resolvido assim, digamos uma situação é, de carreira profissional e tudo, mas foi, foi por aí. Agora, em relação a, ao fato de eu estar fazendo judô mesmo fora da, assim, da minha vida particular, é, acadêmica profissional foi exatamente, volta aquele ponto. Porque eu via o judô como o meu pai via. O ideal que o meu pai deixou, com aquele ideal que o Jigoro Kano mostrava pra gente, com... sabe e com o sonho de ta fazendo alguma, alguma coisa que pudesse estar contribuindo aí com essa, com essa nossa moçada, com a sociedade em que a gente encontra e tal. Eu acredito que, é, o fato de eu ter feito isso, me trouxe muito mais alegrias, entendeu? Do que, assim, do que eu poderia esperar. É claro que a gente tem os choques, as dificuldades de, de fazer as coisas como devem, mas valeu a pena, acho que é bem por aí...

F.M. – Tá valendo né?

M.S. – Tá valendo. Tanto que eu to aqui né. [Risos] Inclusive, é, depois que eu sai de Bauru, porque eu me aposentei, aposentei lá em Bauru, daí eu assumi a, a Federação Paulista de Judô como vice-presidente que..., e, então eu conhecer, assim de uma forma bem, bem próxima, bem íntima a estrutura da organização esportiva da Federação Paulista de Judô e, e do esporte como um todo. Entendeu? E, inclusive, por causa disso também, eu participei do, do Conselho Regional de Educação Física, por causa do judô. Participei do Conselho Regional de Educação Física do Estado de São Paulo, como conselheiro e, e fiz aí, é, assim algumas, algumas coisas que eu tenho certeza que contribuíram para o judô em São Paulo, mas mais do que isso, também me deu uma visão ampla não só da história do judô como o que eu já vinha acompanhando, são 50 anos vivendo aí, aí no esporte, é, mas também de conhecer a intimidade da estrutura, junto a, a, as entidades que praticam o judô, eu percorri o Estado de São Paulo de Norte a Sul, de Leste a Oeste, é, lá..., você é de São José, né?

F.M. – Humrum.

M.S. – Lá em São José eu fui n vezes no Tênis Clube, no Calasans, no, em todos os lugares lá

F.M. – E assim...

M.S. – Banco do Brasil e tudo lá.

F.M. – ...lá tem bastante, bastante lugar, então eu até, até pratiquei algum tempo quando era criança judô.

M.S. – É mesmo?

F.M. – Mas é, eu queria fazer ainda duas questões, na realidade são três questões, algumas você já tocou de leve na sua fala. A primeira delas é, é, com relação ao período, né, esse período da implantação da Universidade, depois da implantação da Universidade em Bauru, assim, a gente sabe que são movimentos políticas, mas, especificamente o momento aqui em Bauru a gente tava vivendo uma ditadura militar, né. E, e estudando outras artes marciais, eu pude perceber a importância que teve, assim, dos professores de determinadas artes marciais de terem um laço próximo a pessoas ligadas ao regime, que de certa forma isso trazia notoriedade e trazia uma rede de relações, como seu pai falou, que de certa forma facilitou a, a, Instituição da, da, da academia e tal. É evidente que eu não tô querendo dizer com isso que: Ah, é a favor de Regime A ou Regime B, mas era o poder estabelecido e isso abre portas.

M.S. – Sim, sim.

F.M. – Queria saber se você teve esse tipo de contato por aqui? E como é que foi essa relação?

M.S. – É, como em qualquer outro lugar, a gente acaba se envolvendo, não tem como não se envolver porque a, a, o que se institucionalizou, entendeu?

F.M. – É. E você tinha um cargo de destaque na cidade, era professor universitário...

M.S. – É... Não, mesmo antes, quando... Por que a Ditadura foi implantada em 1964, quer dizer, antes de eu entrar até pra universidade, mas eu peguei períodos pesados, peguei períodos da recessão brava, da repressão brava, de, de, de... 1968 a 1970 eu foi o período mais pesado da repressão...

F.M. – E era estudante nessa época.

M.S. – E eu era estudante, exatamente, então... Acontece o seguinte, é que é... eu tinha, tive que fazer uma opção, ou participava dos movimentos estudantis, ou eu me dedicava ao esporte.

F.M. – Esporte universitário.

M.S. – Mas como tava lá... eu já vinha independente, eu já vinha naquele processo antes de entrar na faculdade, de... do judô de buscar resultados, de buscar..., de ascender através do judô. Então a minha opção foi pela continuidade da minha atividade dentro do judô sem me envolver diretamente como os movimentos estudantis, muito embora a gente estivesse no todo.

F.M. – Provavelmente você vai saber de amigo que foi preso...

M.S. – Claro, não, mas exatamente isso que eu ia falar, entendeu? Quer dizer a gente tá ali no meio, então muitas vezes o pessoal... Puxa vida! Nas reuniões, nas assembléias do centro acadêmico, por que eram os centros acadêmicos que ferviam na oportunidade, a gente tava lá junto com os amigos, com os companheiros embora eu não metesse, não envolvesse diretamente no movimento estudantil, mas a gente tin... tava participando, tá ali, cê tá ali no meio, então cê tá participando, não me envolvia no sentido tomar a frente ou coisa assim porque o judô não tinha comigo a, a opção da prática do, do judô. E

inclusive, é, tinha um delegado de polícia aqui que eu tinha amizade com ele muito antes de ele ser delegado de polícia. Então são aquelas histórias que, entendeu?

F.M. – Humrum.

M.S. – E o delegado de polícia naquele momento, quer dizer...

F.M. – Você tinha que conhecer.

M.S. – ...é, eu tinha contato com ele, mas não podia, né, de jeito nenhum ter assim nenhum tipo de, de, de, assim, de acompanhamento porque a coisa era muito terrível. Mas...

F.M. – Até porque você poderia saber de coisas que iam incriminar amigos.

M.S. – Isso. Aí, nesse momento você pode falar: Bom, mas e daí? Uma atitude...

F.M. – Delegado é seu aluno aqui?

M.S. – Não, não, não. Nada ver, é coisa de Avaré. Ele era filho de..., é, um colega..., companhia, assim, um amigo de, de pessoas que a gente conhecia lá em Avaré. E, então o que acontecia? Então, eu, eu tava envolvido no esporte, evidentemente eu também não tinha tanto tempo também de tá junto com o...

F.M. – Vai te consumindo.

M.S. – É. Porque pô o esporte é isso.

F.M. – Humrum.

M.S. – Ou você se dedica, ou tá fora, né. E como eu tava numa fase, assim, galgando posições dentro do esporte, eu continuei simplesmente com o esporte, não, não que fomos digamos uma opção porque eu queria fazer é, eu não queria ir pro movimento estudantil, não. Tanto que teve aqui, tiveram aqui outros movimentos. Porque aqui em Botucatu, além

do, do movimento político, teve, teve movimento de reivindicação, que é, a, a Faculdade tava se implantando, ainda...

F.M. – Falta muita coisa?

M.S. – Falta muita coisa, né. Tiveram vários movimentos de reivindicação e tal. E eu tava mais envolvido com o esporte e continuei no esporte, né. Então não tive essa participação no movimento estudantil. Depois que, é, eu me formei e me tornei docente, aí que as coisas foram se, é, definindo mais em termos políticos, né. E acontece que o meu orientador, ele era o chefe de departamento, então, era uma pessoa mais ligada exatamente ao lado da ditadura porque era a estrutura, era a estrutura. Agora eu não fui escolher meu orientador porque ele era ligado a isso.

F.M. – Você escolheu ele porque precisava de alguém.

M.S. – Porque eu precisava de alguém, exatamente. [risos] Quer dizer, naquele momento a gente não tava pensando: “bom, eu vou com ele ou eu não vou com ele”? Bom, eu tava ali atrás de alguém que pudesse me orientar naquilo que eu precisava. E

F.M. – É que aquele era o momento que se definiam, não é, mocinhos e bandidos.

M.S. – Mocinhos e bandidos, exatamente.

F.M. – Tanto do lado de cá como do lado de lá.

M.S. – Do lado de cá e do lado de lá, exatamente. É, é por aí mesmo.

F.M. – Isso que era complicado, né?

M.S. – É, mas o...

F.M. – Eles te obrigavam, né?

M.S. – Exatamente. Você se obrigava, você era obrigado a tomar uma posição. Agora, exatamente por causa do esporte eu também é, não tive, nunca tive qualquer maior, qualquer problema maior com relação a isso. A não ser quando, bem posteriormente, aí, por opção minha, eu fui escolher um caminho político. Fiz minha inserção num partido político e tal. Isso é uma outra questão, né. Mas por causa do esporte, eu sempre fui muito bem aceito tanto do lado de lá, como do lado de cá porque o esporte é, é, ele abre fronteiras, né, ele...

F.M. – Ele tem um certo apolitismo.

M.S. – É, tem.

F.M. – Que pode ser tanto bom, quanto ruim. Daí dependendo de como você...

M.S. – Exatamente. Como, como conduzir.

F.M. – É. E, é, a outra questão é relacionada assim se você tem percebido, isso aconteceu muito em São Paulo, né, que as pessoas..., a velocidade da cidade, ela foi aumentando com o risco crítico. Ela foi aumentando e isso, foi passando pras pessoas, né. As pessoas começaram a ficar mais agitadas e de certa forma o esporte vai, foi adquirindo em alguns casos aí, de algumas artes marciais mais específicas e essa característica de, buscar menos técnica, mais velocidade, mais é, a força acaba sendo um, um elemento importante em alguns casos, mas relacionado a essa velocidade que também é fruto dessa mudança do ritmo da cidade. Então, se você tem percebido isso nos seus alunos, essa mudança de comportamento em função do dia-a-dia da velocidade com que as coisas vem acontecendo, da velocidade de informação vem se processando e as idéias..., as crianças vão tendo contato..., se você tem visto isto na academia.

M.S. – Olha é, eu acho que é aquilo que eu já havia citado antes, quer dizer, os tempos promovem mudanças e mudanças assim, a sociedade como um tempo, ela sente bastante esse tipo de, de mudança. É lógico que na cidade grande, isso passa a ser, assim, uma coisa que as pessoas não percebem mas estão absorvendo a todo momento. Então, por exemplo, é, é, as pessoas..., isso eu posso falar porque eu convivi é, por causa da Federação Paulista

de Judô, depois que eu aposentei, eu praticamente ficava em São Paulo, lá na Federação prestando serviço. É, então o que acontece? As pessoas buscam, por exemplo, fazer o judô, mas elas não buscam qualidade. Elas batem judô na escolinha. Então, lá na escolinha, onde o filho dela estu..., dessa pessoa estuda, onde é, é tem facilidade, as escolinhas já oferecem judô, natação, vôlei, basquete e um monte de coisa, já vai praticar judô. Só que a escolinha não teve o cuidado de ver quem aquele que ia colocar lá pra dar aula de judô, então coloca um indivíduo não qualificado pra dar aula de judô. E...

F.M. – Normalmente mais barato.

M.S. – ...o, o grande critério é o valor que se paga. Então o que acontece? O indivíduo é limitado, vai ensinar judô uma ou duas vezes por semana, porque a gente sabe que quando vai fazer prática de esporte pelo menos duas vezes por semana. Tem técnico que ensina uma, né? Só que quando entra, assim, “ah, tem uma competição em tal lugar. Agora seu filho vai pra lá e tal”. A mãe e o pai vão lá ah, quer ver o filho e tal, não sei o que. E chega ao ponto de achar que o filho está preparado pra enfrentar uma competição quando num, num tem condição nenhuma de ta enfrentando competição. Nesse aspecto, eu acho que esse problema, a questão, dentro da questão da evolução das coisas, as pessoas..., assim como na, no problema até mesmo do, do estudo em si, as pessoas não tem tido o cuidado adequado pra buscar, assim, selecionar melhor pra onde ele leva os filhos. E, em relação a, ao judô, ao judô propriamente dito, a mudança que tem é exatamente nesse aspecto da, do, da, do comportamento que as pessoas passam a, a ter em relação a esse tipo de situação. Então, gera problema da indisciplina, gera problema da quebra de hierarquia, gera problema da falta de limite, gera problema, é, do desconhecimento, da ignorância propriamente dito e que, é, eu acho que tem causado um certo transtorno em termos do esporte. Agora, é, como, quanto ao resto, aqui, aqui particularmente em Botucatu, a gente não, a gente não sente problema nenhum dessa natureza, de, problema de..., por causa de tempo, por causa...

F.M. – O ritmo da cidade não mudou de forma brusca?

M.S. – É, não mudou de forma brusca, não mudou não. É claro que, as, as adaptações são feitas, do nosso entendimento no caso, como conduzir o esporte. Por exemplo, hoje, é

lógico que a gente é, é levado a associar na práti..., no ensino do judô os conhecimentos acadêmicos que a gente tem, né. Então a gente então muda em função disso aí, né, da, da questão pedagógica, da questão do tratamento da criança como a criança, e não como um atleta [risos]. A gente procura fazer isso e não é em todo lugar, as academias em geral ainda mantém aquele negócio de, é, entrou é atleta, né.

F.M. – Agora pra, pra finalizar, são questões relacionadas a formação, né. A formação do professor de judô e aí pedir pra dar uma pincelada um pouco nessa sua experiência no Conselho Regional. É, a gente percebe que com algumas artes marciais, você tem conhecimento passado oralmente e corporalmente, né. Pode ser um professor, de repente um imigrante ou filho de imigrante que passou uma expe..., uma arte marcial oriental oralmente e corporalmente, né. Oralmente na medida em que isso vai variar o grau...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...na, tanto mais que essa pessoa tiver fluência na língua portuguesa, no que ela vai conseguir passar, não só nas técnicas mas também elementos não...

M.S. – Relacionados.

F.M. – ...é. Não, não diretamente relacionado, mas relacionado a uma filosofia...

M.S. – Associados, tá.

F.M. – ...de pensar, né, a conduta daquela, daquela, daquele praticante de arte marcial, né, e corporalmente pela própria natureza, né, que são o golpe e a técnica. E aí, você tem de um lado isso, essa tradição oral e corporal, né, das artes marciais em con... em confronto com um nível de qualificação daquilo que a gente chama a escola formal, né, a pessoa que entrou, estudou, fez até..., fez ensino fundamental, médio, faculdade, né e aí, é, algumas artes marciais você tem isso, o professor que não passou, né, que é brasileiro, mas que teve uma formação em arte marcial, mas não teve uma formação...

M.S. – Formal.

F.M. – É, no nível formal. E você..., e junto disso aí, você tem um conselho, né, que da noite pro dia, a gente fala porque a lei é isso, né? Da noite pro dia você tem uma mudança brusca né. Começa a exigir que o profissional é, tenha formação. E que não é qualquer formação, é uma formação específica em Educação Física, né. Eu não tô questionando que..., se é bom ou se é ruim...

M.S. – Sim, sim.

F.M. – Eu tô querendo que você vê..., fale um pouco desse processo, né. Como é que você vê isso na, na arte marcial e, e, né, no dia a dia, se expressando no dia a dia da academia, né, isso se expressando nesse tempo muito maior que tá relacionado com lei, que tá relacionado com uma política de, de esporte, né, e de, de Educação Física no Brasil, né?

M.S. – É, bom eu quero começar te dizendo o seguinte, eu sou e sempre fui legalista, tá. Então pra mim lei é lei, é pra ser cumprida, não pra ser burlada. Então, começa por aí. Não importa a origem da lei. A lei, se ela existe, é pra ser cumprida. Posso não concordar. (corte na fita) Se você quiser depois a gente faz por escrito, né. Agora, com relação a esse aspecto do Conselho de Educação Física, eu acho que o Conselho foi muito drástico na maneira de querer implantar. Eu acho que ele, embora tenha dado aqueles tantos anos lá pra poder se adaptar, fazer isso, fazer aquilo, resgatar aqueles que já vinham trabalhando na atividade esportiva propriamente dito, é eu acho que o Conselho foi muito drástico, é o Conselho Federal, o Conselho, a lei, né, foi muito drástica na maneira de se implantar. Eu acho que deveria, deveria ser um pouco mais criteriosa pra que desse oportunidade pra que houvesse essas adaptações. Porque a situação hoje tá pior do que antes. Por quê? Com o negócio das, das liminares, das ações, então quer dizer, então tudo que o Conselho tentou fazer e tudo que aquelas pessoas tentaram se ordenar, se organizar, jogaram pro lixo. Então, acho que é aí que faltou essa habilidade, nisso que eu quero dizer que é a maneira de implantar. Porque, não é a questão do direito adquirido. Os professores das artes marciais, dessa entidade, tem toda razão, não se forma um professor de judô mandando ele pra uma escola normal, lá pra faculdade. Não se forma. Agora, por outro lado, eu acho que as pessoas também tinham que se evoluir. Eu penso assim, as pessoas tem que se evoluir. “Pô peraí, o gente olha, vamos dar um prazo, né, de dois anos, três anos, vamos dar um

prazo de em 10 anos aja um contingente suficientemente grande que possa estar ocupando um espaço, é, necessário dentro dessas atividades, como pessoas de formação, num curso de Graduação em Educação Física mas que tenham habilidade, que tenham habilitação também nas atividades específicas”. Então, se eles tivessem feito isso, eu tenho certeza que não haveria tanto choque e não haveria tanta resistência dos professores. Agora, por outro..., por quê? Eu vejo o seguinte, eu acho que é como eu te falei, muito antes da gente ter..., nós termos abordado isso, estarmos abordando isso e eu... pela minha preparação acadêmica, eu procuro sempre dar um tratamento aqui na academia e orientar. Tanto que eu tenho aqui uns instrutores, com exceção do professor Akira que esta a quase 40 anos conosco, ou, e que só trabalha com fundamentos básicos, né. Dois professores são formados em Educação Física. Três aliás. Um terceiro, é, que ta nos ajudando e tal, que é estudante de Educação Física, tá no terceiro ano, quarto. São três formados em Educação Física e um, um quarto que está estudando. Porque, é, é, eu, eu, veja bem, a atividade, seja do judô, do basquete, do vôlei, do taekondo, do, da natação, nós estamos lidando com seres humanos. Eu acho que a pessoa tem...

F.M. – Tem estar preparado?

M.S. – Sem dúvida nenhuma. E que é necessário que o profissional tenha um mínimo de preparação pra esse tipo de atividade. Isso não significa que porque o indivíduo não foi na Faculdade ele não vai ser bom, nem significa que porque ele foi a..., fazer um curso na Faculdade ele vai ser melhor que os outros. Não. Eu acho que tem coisas que são muito pessoais, mas no caso específico das artes marciais, ta havendo um problema muito sério nos Conselhos Regionais. É, é necessário ter um conhecimento, independentemente de CREF agora, eu acho que é necessário ter um entendimento melhor exatamente pras, pros, pras pessoas, pros profissionais relacionados com essas atividades que a Educação Física, o estudo, tem sim uma contribuição muito grande pra dar na preparação do, dos profissionais. Em especial no Brasil onde nós temos essa, essa carência muito grande de, da, da, do pessoal que vai lidar com crianças, com ser humano, com, com pessoas que necessitam cuidados especiais. Então, especiais no sentido de, é, não é da Educação Física, mas sim em termos da...

F.M. – Da formação?

M.S. – Da formação, da preparação. Então eu acho que aí é um momento em que tanto o Conselho Federal de Educação Física quanto nós que estamos envolvidos nessa atividade, precisamos estar, melhorar esta visão. A nossa visão, quando eu digo nossa é a visão do nosso, da nossa comunidade, do nosso contingente de pessoas, de profissionais que atuam para, é, ter essa preparação mais, é, mais afim, mais adequada e, é, em termos não pra atender a lei em termos da, do diploma em si...

F.M. – Mas pela necessidade da população.

M.S. – ...necessidade, exatamente, necessidade da população. E eles tem ainda a ver que o Conselho inclusive trouxe pra nós um ga..., isso é importante, trouxe pra nós ganho, um ganho assim em mostrar as atividades relacionadas são atividades vinculadas hoje a saúde, então, eu não to aqui formando um campeão. Eu tô trabalhando com pessoas, com deficientes, tô trabalhando com pessoas que tenham é problemas, é, diversos de comportamento e que se eu não tiver um mínimo de preparação, eu vou estar sen..., eu vou estar devendo pra sociedade, né?

F.M. – Mas é que muitas vezes assim a análise que eu faço é que eu também vivi esse processo todo de implantação quando eu tava na Faculdade e aí veio a lei e tal, depois como profissional a caça as bruxas, né?

M.S. – Humrum.

F.M. – Que você mesmo sendo formado você tem que ter o CREF...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...você tem que pagar e você..., a gente sabe que hoje a, a gente que começa a estudar um pouco a lei vai ver que não existe essa obrigatoriedade, porque a lei Federal só estabelece a criação...

M.S. – Humrum.

F.M. – ...ele não estabelece pagamento de mensalidades...

M.S. – Isso.

F.M. – ...nada disso. Mas aí o que pairou pela forma como foi conduzido o processo é que a gente taria dando o dinheiro e não saberia pra onde tá indo esse dinheiro.

M.S. – Onde tá indo isso.

F.M. – ...a obrigatoriedade que colocou na nossa cabeça que se você fosse como um, é, pelo menos pras academia artes marciais como se fosse uma peça de, de, de Qualis como a Capes faz...

M.S. – Humrum, sim. Exatamente.

F.M. – ...a academia teria o Qualis do Cref, porque o professor aqui é formado...

M.S. – Olha, muito antes de ter o Conselho...

F.M. – ...talvez fosse melhor.

M.S. – ...aqui na Federação Paulista de Judô eu tinha um estudo e uma proposta de credenciamento do técnico, de credenciamento do técnico. Por que que é o credenciamento do técnico? Porque é difícil lidar com a população, com a nossa comunidade vamos dizer assim, então tanto a sua quanto a minha é difícil de lidar porque, é impressionante, o professor de Educação Fí..., de judô, ele recebeu a faixa, se ele tiver então no 3º, 4º, 5º Dan, daí ele, ele é o cara mais importante que existe, então ninguém sabe mais do que ele, tipo assim. Ele não tem infelizmente..., ele fala de humildade, fala disso, fala daquilo, mas ele mesmo não consegue...

F.M. – Não pratica?

M.S. – É, não praticá. Prega mas não pratica. E, é, mais a gente tava vendo exatamente isso aí, o aparecimento de pessoas que não está sendo..., é, tavam pegando a graduação e não estavam com uma preparação adequada. Então o que aconteceu? Então eu propus na Federação Paulista de Judô que nós fizéssemos um credenciamento. Isso em 1994, quer dizer, embora o processo de criação do Cref já tivesse aí...

F.M. – Rolando.

M.S. – ...rolando e tal, mas não tinha nada no...

F.M. – Oficial.

M.S. – ...no oficial. Então lá em 94, nós..., eu fiz o meu primeiro trabalho na Federação visando o credenciamento de técnicos de judô para a Federação Paulista de Judô. Fizemos agora...

F.M. – Só pra, pra..., rapidamente, é, o que credencia uma pessoa a ser professor de judô? É a faixa preta ou o quê? 2º Dan, como é que é?

M.S. – É..., veja bem, pela Federação Paulista de Judô ele tem que ter no mínimo 3º Dan pra ser técnico responsável, tá?

F.M. – Auxiliar é a partir da faixa preta?

M.S. – Isso. Até faixa marrom. Dependendo até faixa marrom. É, fora do Estado de São Paulo, em alguns Estados ter a faixa preta já é..., só até a faixa preta. Muda, né. Porque claro, por causa das exigências que tem uma...

F.M. – Na Bahia provavelmente seja assim [risos].

M.S. – Num, num sei, não tenho certeza, viu? Não tenho certeza. Mas já foi, eu tenho certeza que já foi. E, e, e só que o fato do indivíduo ter recebido a faixa preta de 1º, 2º, 3º Dan não o habilita a ser professor. Entendeu? Quer dizer, nem a Federação vai habilitar,

porque a Federação não é..., não tem essa finalidade, não é um órgão pra isso. Mas na Federação, eu falei isso aí, essa foi a minha discussão. A Federação tem que cuidar dos seus filhos. Daquilo que..., que é o pessoal que ta trabalhando...

F.M. – Porque tem uma imagem a zelar.

M.S. – Tem uma imagem a zelar, perfeitamente. Então vamos trabalhar no sentido de fazer com que haja esse credenciamento. Não conseguimos melhorar muito a nossa luta exatamente porque daí logo em seguida surgiu o Cref e tal, quer dizer, o negócio...

F.M. – Daí veio à obrigatoriedade.

M.S. – Isso. E não, o pior é o seguinte, daí veio aquela discussão: “A, pô, quer dizer que basta o cara ser professor de Educação Física se ele tiver faixa verde ele, ele já pode ser professor de judô”? Quer dizer...

[acabou a fita].

[FINAL DA ENTREVISTA]